

LÉGERÏN

N. 03

“Insistir no socialismo é insistir no ser humano”



legerinkovar@protonmail.com



LÊGERÎN

O significado de Lêgerîn em curdo é "Busca pela liberdade".

Por esse motivo, adotamos esse nome. Se você, como nós, busca essa liberdade, não hesite em nos contatar por e-mail:
legerinkovar@protonmail.com

PERSPECTIVA

- Um militante respira por liberdade 01

- A guerra popular revolucionária 04

EVALUACIÓN

- A luta revolucionária dos povos do Curdistão e da América Latina é a mesma 09

- Mães com armas em mãos 13

- O fogo romperá a obscuridade 17

- Entrevista com um internacionalista em Shengal 22

JINEOLOJÎ

- O PKK é o povo e o povo está aqui 26

- Como construímos a aldeia de mulheres de Jinwar em Rojava 28

- Momento das mulheres se levantarem contra o fascismo 31

CONVIDADOS

- Uma revolução social para nosso tempo 34

- O que há de Rojava em nossas lutas? 37

DÎROK

- A revolução no Vietnã e o papel da Guerra Popular 41

LIVRO

45

Bebiendo agua con las dos manos, tapándonos la cara, entre lucha y lucha, nos vamos dejando respirar.

No espera el mundo que sobreviva, y para el asombro de todos más viva que siempre, otro 17 de marzo en Kurdistán.

Nace y renace mil veces en las montañas, entre las bravuras de los ríos y la mesopotamia.

Apuntan aquí fuegos y devolvemos bombas al aire que nos aguantan el alma a la hostilidad de un mundo que nos da por muertas.

Alina traspasó toda frontera, piso tierra, la amasijo y entendió en pocos minutos lo que el mundo aún no entiende.

Desde la cordillera de este sur cultivamos nuestros procesos con el ejemplo de Alina. Sepan nuestros fusiles apuntan a toda injusticia y opresión, al patriarcado; al capital; al imperio; a los asesinos que traicionan a sus pueblos.

Fundida en las montañas perdemos rostros y somos juntas defensoras de la vida, hijas del sol. Esa imagen tuya, con la sonrisa regando la tierra no se nos olvida, nos cala los huesos, arremete cuando nos sentimos agotados.

De vos saber que hay muchas formas de vivirnos.

Echen la mirada, mezquinos que no están involucrados, que cuestionan a la organización colectiva de los sueños de Alina más allá en Kurdistán. Sientan como nosotras y nosotres desde este sur el sonido de los ojos de Alina en todo el territorio que geste, y desde donde nazca las autonomías y las luchas por la vida, la libertad y la justicia.

Sol, Naturaleza y Fuego. Amarillo, Verde y Rojo. Los colores que te envuelven en vuelo.

Vernos tomadas de las manos, miradas que aturden, inmediatamente la sensación invade, nosotras y nosotres no estamos solas.

Nuestra lucha es por la vida, la dignidad y la autodeterminación.

*Legerin Libertad
Soltada en los espirales colectivos trenzando comunidad.*

Hoy, 17 de marzo, claro que nos duele todo.

*Alina La fuerza
Latiendo fuegos rebeldes.*

*Hoy, 17 de marzo, claro que tu sonrisa vuelve.
Sabemos quererte, querernos.*

*Nos sabemos revolución.
A Legerin, por mantenernos la sonrisa, la lucha, la vida.*



UM MILITANTE RESPIRA POR LA LIBERDADE



Viver a vida e falar sobre a vida são dois pares de sapatos. Assim como é uma grande diferença viver o PKK e falar sobre o PKK. Porque no entendimento dialético do PKK, não há diferença entre teoria e prática. Você vive o que você pensa, você pensa o que você vive. Mas a pergunta que você tem que fazer a si mesmo no início é: “Como viver?”

“Como viver?”

O PKK começou originalmente como um grupo de três alunos: Abdullah Ocalan, Kemal Pîr e Haki Karer, e continuou com duas palavras simples, mas inovadoras: “Kürdistan sômürge-dir” (em turco: o Curdistão é uma colônia). Uma declaração que foi extremamente radical para seu tempo. Porque o Estado turco fascista, em colaboração com as potências imperiais, tentou destruir qualquer forma de ‘ser’ curdo. Os curdos estavam em uma situação tão miserável que se negaram. Ninguém ousava dizer: “Eu sou curdo”, e se você falava em curdo, chamavam-no de monstro. Após o Tratado de Lausanne, o Curdistão foi dividido em quatro partes:

Turquia, Síria, Iraque e Irã. E em cada parte do Curdistão existiam mecanismos de opressão e escravidão desumanos do Estado. Portanto, a declaração “O Curdistão é uma colônia” foi uma declaração muito responsável. Esta declaração tinha que ser seguida de ação, algo tinha que acontecer, porque estas palavras eram cruciais.

O grupo em torno da Rêber APO tornou-se cada vez maior porque foi o primeiro grupo de revolucionários que lutou com determinação e seriedade pela questão curda. Em 1978, o grupo se tornou um partido de quadros para liderar um trabalho revolucionário de forma mais organizada. Mas Rêber APO apontou que o problema principal não era a questão nacional e a luta com o inimigo. Acima de tudo, o PKK tratou de problemas internos. Assim como o Curdistão era uma colônia, os pensamentos e sentimentos dos curdos foram colonizados. Mas o problema não se limitava ao Curdistão. Foi o sistema capitalista que havia transformado a vida em uma jaula de ouro e o povo em seus escravos. Estas idéias levaram Rêber APO a buscar a resposta para “como viver”. Até hoje, a principal preocupação do PKK é que cada pessoa deve encontrar uma

resposta: Como viver? O que fazer? Quais são meus objetivos? Como atingi-los? Quem sou eu? E se podemos responder a pergunta “como não viver” com “na escravidão”, então sabemos que a resposta a “como viver” pode ser respondida com “livre”. Mas como podemos alcançar uma vida livre? Como podemos nos libertar da mentalidade de estado e nos tornarmos livres?

“O que analisamos não é o momento, mas a história. Não é a pessoa, mas a classe e a sociedade”. Abdullah Öcalan

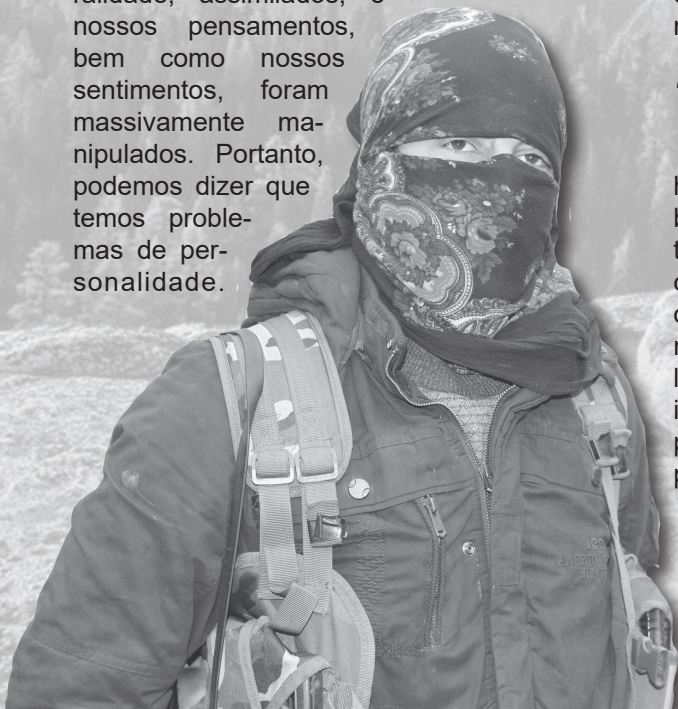
Cada vez mais mulheres e homens se juntaram ao PKK para fazer parte da luta pela liberdade. Mas cada indivíduo se uniu a partir de um contexto diferente, a partir de uma socialização diferente. No entanto, todos eles eram indivíduos que se reuniram a partir do sistema capitalista patriarcal. Eles se juntaram ao partido por sua liberdade, mas eles mesmos permaneceram escravos do sistema. É óbvio que um indivíduo que ainda está escravizado não pode se tornar um verdadeiro combatente da liberdade. O início da luta é uma decisão, mas não a revolução em si. É por isso que a questão da personalidade, e sobretudo a luta contra a mentalidade patriarcal, tornou-se uma questão essencial. Estamos falando de milhares de anos de manipulação, dominação, opressão e falsas sensações. Naturalmente, fomos treinados no sistema de tal forma que nos tornamos perfeitos servidores do sistema. Fomos despojados de nossa naturalidade, assimilados, e nossos pensamentos, bem como nossos sentimentos, foram massivamente manipulados. Portanto, podemos dizer que temos problemas de personalidade.

Estes problemas são o resultado da mentalidade patriarcal e impedem que sejamos verdadeiramente livres. Isto se tornou cada vez mais óbvio também nas fileiras do PKK, porque lidar com problemas de personalidade e conflitos de mente se tornou cada vez mais inevitável para a liberdade. Então como as pessoas devem lutar pela liberdade, lutar pela liberdade das pessoas, quando elas mesmas ainda são dominadas por uma mentalidade sexista e capitalista?

Não deveria então começar por si mesmo, ou seja, resolver a questão da liberdade para si mesmo antes de resolvê-la para uma sociedade, ou mesmo para o mundo inteiro? Este tema foi de grande impotência no terceiro congresso do partido, as análises de personalidade foram introduzidas. Estas análises de personalidade são as que revelam a realidade da sociedade em cada indivíduo. Assim ficou cada vez mais claro: somos produtos de nossos pais, da guerra especial, do estado, do patriarcado, do meio ambiente, mas ainda não somos revolucionários. Alguém que quer viver em liberdade deve viver em conformidade. Especialmente na vida do PKK: o que conta são seus esforços, sua prática, seu comportamento, e não apenas o que é dito. 99% da luta dentro do PKK é a luta interna, a luta consigo mesmo, a influência do sistema, sua mentalidade, seus hábitos... Apenas 1% é a luta com os “inimigos externos”. É importante que você possa apontar a arma para sua velha mentalidade e criar espaço para pensamentos livres, para a liberdade. O importante é poder decidir: “Sim, eu quero poder respirar novamente” e dar os passos certos e decisivos.

“Não há vida certa na vida errada”. - Adorno

Uma vida livre precisa de segundos, minutos e horas de liberdade. O que significa lutar pela liberdade? É suficiente pensar e escrever alguns textos? É suficiente desenvolver teorias? É suficiente argumentar? É suficiente para a liberdade? Dizemos que temos que “vomitar” o sistema fora de nós mesmos para sermos livres. A liberdade está além do sexismo, do egoísmo, do individualismo, do capitalismo, etc. Então, como podemos lutar para sermos livres? A maior resposta a isso é a vida da Rêber Apo. Ele leu, compreendeu, experimentou, processou, praticou, desenvolveu, percebeu; fez o que achava certo, reconheceu o que é errado e tentou alcançar o que é certo: a vida socialista livre. Rêber APO



criou uma linha de liberdade, a linha do PKK. É o sistema capitalista nojento que supervisiona as mulheres, que destrói a psique do povo, que desarticula a sociedade. É o sistema que joga com todos os valores morais e dispersa a falta de amor e a superficialidade em nome do amor. O sistema é como um câncer. Como se combate o câncer? Com comprimidos para dor de cabeça? Isso não funciona. É a sua liberdade, mas sua liberdade também é a minha liberdade. E quando temos um inimigo tão bem organizado na nossa frente, não podemos combatê-lo de forma desorganizada. Não podemos mudar o mundo com um pouco de ativismo. Ser um lutador pela liberdade significa dedicar 24 horas à luta. Você vive de sua conexão com a liberdade, com suas utopias, com o amor de seus camaradas. Sua crença na vitória, sua esperança e sua motivação para a vida são seu alimento. Você não precisa de pílulas contra doenças, você mesmo tem que se tornar um remédio e cortar a doença na raiz.

Não há receita

O sistema PKK mudou devido à mudança de paradigma (de um Movimento de Libertação Nacional para os criadores do Confederalismo Democrático), mas a linha, os princípios e as características de uma personalidade militante permanecem os mesmos hoje. Rêber APO destaca alguns princípios básicos da personalidade militante em seu livro "Kürdistan'da Kişilik Sorunu" (Problema de personalidade no Curdistão). Portanto, há princípios como:

- amar sua pátria;
- ser democrático;
- lutar pelo socialismo é ser um internacionalista;
- amar e respeitar seus camaradas e seu povo;
- ser representativa da nova moralidade socialista;
- não ser egoísta ou temeroso;
- ser corajoso e auto-sacrificial;
- não ser passivo, mas ser ousado e ativo;
- saber quando ser flexível e quando ser rigoroso;
- estar atento, cuidadoso e com princípios;
- amando, investigando e observando;

- não sendo dogmáticas, mas criativas;
- não trabalhando ao acaso, mas planejando

Estes são princípios importantes para um militante. Mas não há receita, não há manual para uma personalidade militante. Você tem que aprender da vida, de seus camaradas como ser coletivo, como ser disciplinado, como lutar. A militância é a paixão pela luta e o apego a valores revolucionários. A liberdade é uma espécie de autodescoberta como um processo coletivo: você procura por si mesmo, por seu XWEBÛN (auto-estima), ou seja, por seus valores naturais, por seu "eu não sou manipulado". É uma busca de valores naturais. Não crie nada de novo. Nem o socialismo nem uma vida livre, comunal e democrática são invenções novas. A vida comunitária livre está escondida na sociedade natural. O PKK é o lugar, o tempo em que podemos nos reencontrar: o tempo antes do patriarcado fez de nossa vida um inferno, o mundo um pântano... Não temos mais nada a perder, mas um mundo livre para ganhar. O poder é você, a solução é você. A única pergunta é: Como você quer a vida? O que você vai decidir?

"Não lidamos tanto com experiências e definições, lidamos com a própria vida. Tentamos preencher as definições com conteúdo e colocá-las em prática. Achamos mais valioso ser um bom militante [...] do que apenas falar de socialismo" Abdullah Öcalan





A guerra popular revolucionária

Começaremos com a história da situação bastante caótica na década de 90. Havia um processo de dissolução (liquidação) dentro do partido (PKK). E um processo de paz, o partido reconheceu e entendeu que não faz sentido continuar apenas no caminho militar. Havia razões internas e externas na mudança da política. O presidente turco, Turgut Özal, estava fazendo progressos no desenvolvimento de um acordo de paz com o partido. Ele tinha claros obstáculos quanto a necessidade de mudança e foi assassinado por causa disso. Mas no movimento também ficou claro que não haveria uma solução militar para a questão curda. Nem o exército estaria hábil a pressionar as forças guerrilheiras. É a natureza da guerrilha, não se pode derrotá-la de fato, não se pode chegar a uma situação em que a guerrilha desapareça. Talvez no Sri Lanka fosse possível, porque não havia mais nenhum território para elas estarem.

É a mesma situação da China nos anos 20 e 30 em que as forças de guerrilha se estabeleceram e então nem o Exército Nacional Chinês convencional nem o exército de ocupação japonês foram capazes de derrubá-las. Porque o que são as forças de guerrilha? Uma força de

guerrilha é basicamente uma força que não é simplesmente uma força militar em seu sentido estrito, mas uma força social e militar. Em um exército convencional você tem uma construção estatal, concentração de poder. Você tem uma sociedade e depois um Estado que administra e governa. Às vezes de uma forma mais repressiva, às vezes de uma forma mais democrática.

Mas o exército é bem convencional, baseado em disciplina rigorosa e hierarquia. Uma força guerrilheira também adota formas de disciplina, mas não depende apenas dela. Porque o cerne não é a obediência e a submissão de cima para baixo. Mas a força da guerrilha vem de baixo. Foi Mao, na década de 20, que descreveu que em seu método de guerrilha o maior poder vem da menor célula. Há também conexões com a bomba nuclear, onde as menores peças, o núcleo do núcleo, onde se destrói a ordem natural do núcleo através da mobilização e a energia liberada é mais forte do que qualquer exército convencional jamais poderia ser. De forma destrutiva, mas também de forma mobilizadora de energia, que expressou seu aspecto social. O que Mao basicamente disse é que, se mobilizarmos as comunidades camponesas no extremo oeste da China, não nas grandes cidades, se formos

lá, discutirmos com o povo e conscientizarmos, eles se organizarão de uma forma e serão capazes de estabelecer uma potência militar e se tornarão capazes de se mobilizar. Assim, para esmagar todo exército convencional, o que basicamente aconteceu nos anos 20 e 30 da China, em tempos de guerra civil. É uma situação bem parecida com o Curdistão. É por isso que muitos think tanks norte-americanos ainda afirmam que o PKK é uma organização maoísta, o que não é em seu sentido estrito, enquanto que carrega alguns aspectos semelhantes, é claro.

Portanto, você tem uma situação de conflito militar, que está realmente afetando a sociedade. 4.000 aldeias foram queimadas pelas forças paramilitares, 40.000 pessoas mortas, enormes ondas de refugiados sendo forçados a migrar para a metrópole turca ocidental. É uma situação muito complexa, na qual se torna claro que o conflito militar não resolve nada, o que na verdade é o caso para ambos os lados. Há forças mesmo do lado turco que reconhecem isso, mas há forças mais influentes que são ideologicamente muito rígidas reivindicando o nacionalismo turco e a unidade do Estado. Este é também o conflito que levou à morte de Turgut Özal e produziu esta contradição entre o Estado, o movimento e os componentes da sociedade que estão sendo afetados por ele. Mao tinha o pensamento de que para alcançar a vitória, exércitos regulares forçam a coordenação das forças de guerrilha ortodoxas no território, mas eu diria que essa é a razão pela qual a revolução maoísta se tornou realmente opressiva. Ele (Mao) começou com um ponto muito bom. Ele disse que tentaremos capacitar as comunidades camponesas para estabelecer, como foi discutido no início, algo como comunalismo e autocapacitação e auto-administração. Mas então ele teve esta estranha abordagem dogmática de afirmar que esta é apenas uma ferramenta para estabelecer um estado socialista e uma ditadura do proletariado. Todas estas estranhas construções ideológicas, que são bastante óbvias na história.

O que aconteceu mais tarde na China foram muitos massacres e limpezas internas e assim por diante. Chegamos a isso mais tarde, quando discutimos como a ideologia ou uma idéia correta também pode se desenvolver para algo muito perigoso. Por exemplo, em 1905, na Revolução Russa, havia pessoas afirmando serem anarquistas, democratas, socialistas e humanistas

juntos e não havia muita contradição entre eles, desde que estivessem lutando contra o regime. Então, eles não superaram a idéia de concentração de poder dentro de suas próprias estruturas. Assim, os bolcheviques estabeleceram novamente uma ditadura. Eles começaram com a idéia de ajudar a nós mesmos e à sociedade, mas depois se transformaram em algo mais.

A realidade da situação e a necessidade de algo novo

Portanto, basicamente temos uma situação em que o conflito militar não pode mais ser resolvido nem pelo Estado nem pelo movimento. Não apenas por razões militares, mas também por problemas organizacionais internos. Havia muitos problemas com os senhores feudais da guerra ganhando poder no movimento. Você tem uma sociedade onde muitas pessoas se mobilizam, muitos jovens entram para o movimento, mas você tem uma sociedade que é pelo menos desde 1300 anos afetada por pensamentos islâmico-feudais e pela mentalidade patriarcal, o que dá um papel muito opressivo ao homem tanto na família quanto em toda a sociedade, uma sociedade muito dogmática também. Talvez você já tenha falado sobre isso, como a mentalidade da sociedade foi mudada pelo Islã e mais tarde, novamente, pelo nacionalismo crescente no final do século XIX através de forças nacionalistas. Também a idéia do nacionalismo curdo, dizendo que existe a necessidade de um Estado curdo. Portanto, você tem forças dentro do partido, que estão praticamente empurrando esta idéia de uma solução militar e outros que estão discutindo outras soluções são vistos como covardes por causa disso. A abordagem da masculinidade dominante, os problemas de mentalidade de bando estavam aumentando. Abdullah Öcalan falou muito sobre isso.

Havia pessoas envolvidas no movimento desde os anos 70 que estavam sempre trabalhando duro para desenvolver uma mentalidade socialista comum, mas foi sempre uma enorme luta dentro do movimento. Como os bandos mencionados às vezes eram militarmente eficazes, elas desenvolveram uma espécie de estruturas paralelas dentro do movimento e do partido. Portanto, havia este problema das gangues nacionalistas a ser resolvido dentro do partido. Havia outra coisa que acontecia nos anos 90. Na

verdade, existem três linhas diferentes de problemas. Havia a mentalidade de gangue, com todas as suas conseqüências. Depois houve as revoltas e a repressão militarista muito dura do Exército regular do estado e da contra-guerrilha, com todas as suas diferentes táticas de contra-insurgência. Assim, as pessoas de aldeias inteiras foram forçadas a deixar suas casas, e houve muitas mulheres que se juntaram. Antes, eram principalmente homens que se juntavam, mas cada vez mais mulheres eram expulsas da aldeia e muitas famílias não tinham chance de fugir, por isso muitas crianças iam para as montanhas. Portanto, desde o final dos anos 80, início dos anos 90, você tem muitas mulheres se juntando ao partido, dizendo que não podemos simplesmente fugir e esperar que nossos irmãos e famílias estejam sendo massacrados, então temos que nos juntar ao movimento. Uma espécie de autodefesa natural, para pegar em armas e receber educação e treinamento. É assim que milhares de mulheres se juntam à guerrilha. O que, a médio prazo, mudou muito a discussão e as abordagens dentro do movimento e a forma como as coisas foram criticadas.

A formação e a criação do movimento de mulheres

No início, mesmo que não fosse uma força autônoma organizada dentro do movimento, havia por exemplo, duas mulheres juntando-se a uma unidade inteira de guerrilha. Pelo menos desde 1993, houve mais discussões entre as companheiras, já que cada vez mais mulheres se juntavam. Elas discutiram a necessidade de se organizarem de forma autônoma, pois não eram levadas a sério, também ligadas à citada mentalidade de bando, de que um comandante feudal, por exemplo, não aceitava a decisão das mulheres. As mulheres estavam realmente lutando e era uma luta enorme para levar as coisas adiante e

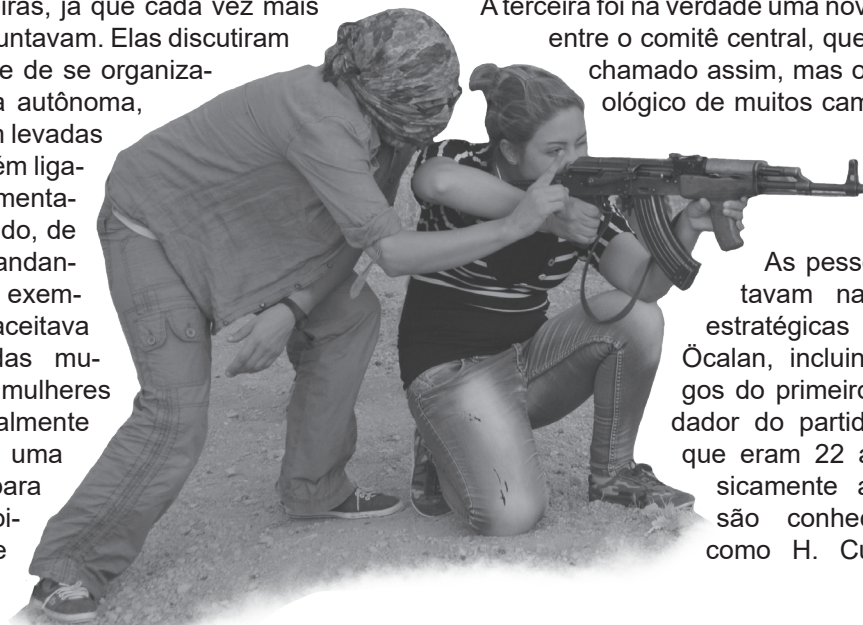
para que pudessem combater e ser aceitas pelos camaradas masculinos. A primeira organização de mulheres foi estabelecida em 1994/5. Elas estavam discutindo desde o início para tirar o problema de suas raízes. Para discutir uma maneira de como a vontade das mulheres seria aceita e como desenvolver suas próprias idéias. Estes pontos foram posteriormente expressos na teoria da separação. Que diz que o problema é que somos afetadas por milhares de anos de domínio masculino, na família e em todas as partes da sociedade.

É por isso que temos que nos afastar desta realidade para conseguirmos uma abordagem clara para nós mesmas novamente. Para entender como queremos definir e lidar com nossos problemas e como podemos organizar e desenvolver uma forma de combatê-los. Desde os anos 90, houve uma parte crescente no partido discutindo coisas totalmente diferentes, não apenas focalizando a abordagem militar, mas olhando para as coisas de forma mais holística. Abordando o problema que a sociedade está basicamente derretendo. Você tem 4000 vilarejos incendiados. Há até mesmo alguns romances, que dizem a partir dos anos 80 onde você teria vilarejos em todos os lugares, então a ligação com a sociedade era muito óbvia. Mas, mais tarde, restaram muito poucas aldeias ou algumas regiões até mesmo totalmente destruídas. Isso significa que a discussão era muito existencial. Portanto, esta foi a segunda dinâmica principal do movimento, conforme mencionado.

A terceira foi na verdade uma nova discussão entre o comitê central, que não é mais chamado assim, mas o núcleo ideológico de muitos camaradas que

começaram nos anos 70 juntos.

As pessoas que estavam nas posições estratégicas e o próprio Öcalan, incluindo os amigos do primeiro grupo fundador do partido de 1978, que eram 22 amigos. Basicamente amigos que são conhecidos hoje, como H. Cuma, Cemil



Bayik, o porta-voz da KCK, o mais alto conselho. H. Cemal Murat Karayilan, que foi muitas vezes responsável por questões estratégicas, ele empurrou a discussão para a re-discussão do paradigma militar e desenvolveu a teoria da legítima autodefesa. Assim como S. Sara, Sakine Cansiz, que foi uma das duas mulheres fundadoras do partido. O núcleo dos camaradas estava discutindo as soluções certas, podemos chamá-lo de núcleo ideológico. Eles discutiram todo o objetivo do método, criticando o marxismo dogmático, criticando a falta de idéias anti-patriarcais e como eles podem resolver o problema do domínio masculino dentro das estruturas. Mas não apenas a dominação masculina, mas a falta de consciência e confiança entre as mulheres e camaradas.

Estas foram as principais dinâmicas. O que aconteceu com Turgut Özal e o processo de paz e a conspiração internacional são na verdade as conseqüências de todas essas três coisas. Havia o movimento feminino e muitas mulheres se juntando, o que era muito perigoso para um estado que está tentando controlar uma insurgência. Porque é difícil corrompê-lo. A mentalidade de gangue era principalmente uma mentalidade de homens. Não é muito fácil corromper um movimento de mulheres, especialmente porque elas são conscientes e se organizam de forma autônoma como parte do movimento de libertação maior. Esta é a situação em que a discussão sobre o novo paradigma começou. É bastante interessante este processo que começou na academia central do partido no Vale de Bekaa. Porque muitas vezes é explicado que '99 Öcalan foi pego, levado para a prisão turca, leu um pouco de Murray Bookchin e se tornou comunalista e compreendeu o anarquismo. Mas não é assim, é um longo procedimento de desenvolvimento de idéias e autocrítica, que na verdade veio desde o início. Sempre houve discussões na academia do partido sobre como superar a personalidade oprimida e opressiva, o que deriva mais tarde da questão de como criar uma forma não-estatal e não opressiva de auto-administração. O início desta discussão, é a discussão sobre a personalidade.

A personalidade militante

O que é uma personalidade socialista, o que é uma mentalidade livre? Todo o processo de discussão leva a algo, o que eu diria e que temos três dias para discutir, é hoje uma questão

muito importante para o movimento, a questão do método. Como abordar uma situação em que se deve resolvê-la. Pode ser uma pergunta bastante complexa, porque coloca a questão de como avaliar algo, como analisar politicamente algo e você terá que fazer perguntas muito básicas. O partido começou com uma abordagem marxista-leninista clássica e também com a ideologia guerrilheira maoísta, mas ficou bastante claro que não funcionava tão facilmente e que pode ser perigoso para o próprio contexto social existente. É por isso que as diferentes partes do movimento começaram a discutir a questão do método. Isto é o que temos que entender, se nos perguntarmos como o movimento se tornou tão forte hoje. Porque há um longo processo.

Há uma piada engraçada que um amigo nos contou. Quando começaram em Ancara, em 1972, houve as primeiras ações de propaganda e a divulgação das idéias com folhetos. Alegando a primeira idéia, que diz que o Curdistão é uma colônia. Temos que desenvolver uma alternativa socialista para toda a Turquia e o Curdistão, mas em solidariedade internacional com o povo turco. Quando eles espalharam isto pela primeira vez nos anos 70, a polícia veio e disse, é melhor você desistir, porque vocês são apenas 5-10 pessoas e eles continuaram e... Em 1981-1982 eles disseram, agora temos alguns milhares de seus militantes na prisão e novamente é melhor você desistir. Mas eles estavam crescendo em simpatia a cada dia. E em meados dos anos 80 você tem agora uma força militar, mas nunca ganhará e esmagará o estado turco, disseram eles... mas agora havia milhares de militantes armados. Então você tem uma linha muito engraçada do estado fingindo ser superior. Embora houvesse milhares de guerrilheiros armados, um movimento de mulheres e uma forte auto-reflexão ideológica, o Estado sempre lhes pedia para finalmente se renderem novamente, exibindo-se com a tecnologia militar. Portanto, isto é realmente engraçado.

Você pode até mesmo desenhar este esquema até hoje. Você tem três cantões liberados e uma aliança com as forças árabes, esquerda turca e organizada dentro de 4 estados-nação e na diáspora, mas o estado turco ainda fingindo que o movimento de libertação do Curdistão não teria nenhuma chance contra eles. O que é bastante ridículo. Isto abre a questão, que foi expressa

por Rêber Öcalan, que diz que se você tem o método certo, não é uma questão de força, mas uma questão de estratégia, a abordagem correta em relação à realidade e a compreensão da própria realidade. Por exemplo, agora, desde a libertação dos três cantões, em 2012, você tem constantemente uma situação de ameaças de diferentes estados, como a Turquia que ameaça invadir Rojava a cada segundo, você tem o ISIS atacando e Barzanî mantendo um embargo. Você tem muitos estados ocidentais que não reconhecem a auto-administração. Mas você tem uma situação em que a filosofia e a maneira de entender a situação tornaram possível que o movimento se torne sempre mais forte após cada ataque. Portanto, se você vir o mapa, talvez não seja muito tempo, são 5 anos para a Rojava. Mas de qualquer forma você tem um processo de três cantões, Kobanê uma vez sob risco real, mas ao mesmo tempo você tem o processo de processo territorial, com crescente nível de organização interna e fortalecimento das forças militares de autodefesa. Portanto, é muito interessante entender o método de pensamento, como enten-

como criticar o Nacional-Socialismo, as diferentes revoltas e o Jihadismo. A questão é como desenvolver um modo onde a própria sociedade possa desenvolver uma compreensão própria de sua própria realidade e também o que significa a liberdade do indivíduo. A principal coisa que temos que pensar é como chegar a um ponto em que uma grande sociedade complexa possa se conduzir novamente. Não ligado a estruturas partidárias centralistas, comandos centrais ou um sistema de castas abstrato de sacerdotes. É interessante ver como ela está ligada ao que se pode afirmar ser uma consciência livre e governar-mentalidade, a mentalidade para governar a si mesmo e a sociedade.



*As sociedades sem defesa própria
estão destinadas a serem destruídas*

der a situação que os tornou constantemente mais fortes. Este é basicamente o tema principal que temos que entender sobre a situação real.

Há algo no movimento que eles chamam de “rastiya rêbertî”. O que está escrito também em seus cadernos “Bê Serok jiyana nabe”. Serok é basicamente o líder e “serokatî” é a instituição da liderança. Portanto, estes são os dois princípios principais do movimento a compreensão do método que leva à “rastiya rêbertî”, que significa a verdade da liderança. Não se trata tanto da personalidade, mas mais do núcleo filosófico. É uma questão de como nos conduzir, em uma situação de crise política, social e ecológica, à ação correta e a uma vida livre sustentável. Esta é a questão básica. Trata-se, portanto, da forma correta de auto-orientação. Houve muitos filósofos no Ocidente também, como Foucault, que disseram que não temos que discutir simplesmente





“A luta revolucionária dos povos do Curdistão e da América Latina é a mesma”

Nasrin Abdullah, comandanta e porta-voz das Unidades de Proteção das Mulheres (YPJ), a força de autodefesa curda em Rojava, relembrou a necessidade de criar uma frente mundial de força de mulheres para combater o atual sistema de opressão que o capitalismo utiliza contra os povos.

Durante o encontro “Revolução em construção: tecendo o futuro”, Abdullah também se referiu aos laços em comum entre as lutas dos povos do Curdistão e da América Latina. Sobre estes encontros entre povos, a comandanta das YPJ relembrou dos ensinamentos do revolucionário argentino-cubano Ernesto “Che” Guevara, e rememorou a médica argentina Alina Sánchez (Legerin Ciya), que faleceu em março de 2018 em Rojava enquanto realizava trabalhos de saúde comunitária.

O encontro foi convocado pela Rede de Mulheres que Tecem o Futuro, os Comitês de Solidariedade com o Curdistão na América Latina e o Movimento das Mulheres do Curdistão. A atividade surgiu no âmbito de uma série de rodas de diálogo como continuação da Primeira Conferência “Revolução em Construção” realizada em Frankfurt, na Alemanha, em 2018, e que deu origem à Rede de Mulheres que Tecem o Futuro.

Abdullah começou sua intervenção saudando todas as mulheres latino-americanas, já que “nossa luta sempre se desenrola jun-

to com a luta de vocês”, e acrescentou que a “América Latina é um lugar de revolução”.

A comandanta das YPJ salientou que mesmo nos dias de hoje tanto no Curdistão como na América Latina as mulheres são vítimas de desaparecimento por parte dos Estados, aos quais enfatizou a promessa de que “vamos continuar com a luta” e que, no caso de Rojava, as mulheres que desapareceram vítimas de grupos terroristas como o Estado Islâmico (ISIS ou Daesh) “serão vingadas”. “A todas as nossas companheiras que sofrem com a opressão, vamos libertá-las”, disse.

Abdullah refletiu que “a luta revolucionária do povo curdo e dos povos da América Latina não é algo novo. Faz décadas que estamos na mesma luta. Toda luta de Che Guevara e de todos os povos revolucionários da América Latina foram exemplo para nós. Quando eu era menina, por conta destes valores decidi me juntar à luta e à revolução”.

A porta-voz das Unidades de Proteção das Mulheres pontuou que atualmente existem muitos temas importantes para as mulheres, dentre os quais destacou as lutas pela liberdade e pela autonomia. “Quando falamos de liberdade temos de discutir a respeito das mulheres – afirmou. A liberdade e as mulheres são temas universais que tocam a todas nós. Não



pertencem a um só povo, mas pertencem a todas nós. Se vemos que nossos problemas são mundiais, então, o antídoto tem de ser mundial”.

Por esta razão, explicou que é necessária “uma organização, uma união a nível mundial e universal. Para nós esta é a nossa luta estratégica: como nos organizarmos ao nível mais amplo possível”.

Abdullah assinalou que “o sistema capitalista se organizou de maneira hegemônica a nível mundial, então, se queremos acabar com ele, temos de criar nossa própria organização ao mesmo nível”. “O sistema de dominação capitalista sempre tenta nos dividir através do nacionalismo, divide as mulheres e as nossas sociedades, e temos de superar isso – manifestou. O que também tem sido feito é a organização desse sistema através das instituições internacionais sob o pretexto da democracia, mas sabemos que o que buscam não é a democracia, mas o aumento da dominação e da opressão sobre todos os povos, sobre as mulheres, para que todas as nações estejam a seu serviço”.

“Quando as mulheres, ou um povo, protestam contra isto, querem silenciá-las, e esse objetivo é alcançado com esse sistema de instituições internacionais. Temos de criar uma união e uma organização a longo prazo contra isto”, reiterou a comandanta curda.

Abdullah também se referiu à Revolução de Rojava, que o povo curdo – junto a outras comunidades nacionais e religiosas – lidera desde 2012 no norte da Síria. “Em nossa revolução entendemos bem que os problemas que a sociedade e as mulheres estão vivendo não são somente

nossos. Se queremos superar estes problemas não podemos apenas agir a nível local ou sozinhas, temos de ser muitas, temos de ser todas, em conjunto com todos os povos”.

“Vimos também que a nossa revolução tem surtido efeito muito além do nosso país. Compreendemos o efeito que tem surtido em todo o mundo”, disse. A comandanta das YPJ também se referiu às internacionalistas da Revolução em Rojava, tais como os casos de Alina Sánchez e da britânica Anna Campbell, que foi martirizada no dia 15 de março durante a defesa do cantão curdo de Afrin contra os ataques militares turcos.

“A participação das mulheres internacionais na nossa revolução tem servido para a fortalecer e expandir esse efeito revolucionário em todo o mundo”, disse ela.

Abdullah salientou que as mulheres do Curdistão “compreenderam que se nos unirmos na mesma frente, teremos êxito e poderemos alcançar a vitória”. Pode ser que agora a nossa revolução e as mulheres curdas tenham sido uma vanguarda, mas sabemos que a nossa liberdade não será completa se não conseguirmos a liberdade para todos. Porque enquanto houver escravidão e opressão, não seremos livres.

A comandanta das YPJ reiterou a necessidade de “debater e conversar entre todas” os temas como a autonomia a liberdade para as mulheres e para os povos. “Existem muitos temas comuns que devemos debater. Um dos mais importantes é o da liberdade, porque não faz sentido pensar que a liberdade é para algumas mulheres, mas não para todas”, destacou.

Ao mesmo tempo, Abdullah disse que se “compreendermos muito bem estas questões centrais, se as sentirmos dentro de nós e nas nossas almas, podemos criar uma frente muito forte contra o fascismo”. É por isso que é importante ir para além dos limites das fronteiras. Podemos não falar a mesma língua, mas nos entendemos mutuamente, por isso temos de superar estes limites também”.

“Não devemos nos limitar a entender as palavras, mas a sentirmos e a entendermos de coração – ponderou. Sem ter de falar, quando olhamos nos olhos, quando rimos, quando sentimos nossa respiração, nós mulheres nos

entendemos. Não precisamos de palavras, apenas de sentir umas às outras. E o que temos de fortalecer é uma frente de mentalidade e pensamento. Para nós é muito importante a criação de escolhas para que o conhecimento das mulheres seja transmitido e desenvolvido”.

É necessária uma luta unitária de mulheres

Abdullah destacou que existem muitas organizações e plataformas de mulheres no mundo, mas que é necessário criar uma plataforma “que não seja só para um tema específico”, mas para dar nascimento a uma “frente comum”. “Os inimigos da liberdade se organizam muito bem, tem uma multitude de frentes, estão no direito, na economia, na política social, mas à maneira que enxergam cada uma dessas coisas, e não como nós mulheres queremos construí-las. Eles têm uma frente militar contra o povo e contra as mulheres. Têm sua frente de guerra psicológica, também têm os meios, estão muito bem organizados”.

Por isso, “milhares de mulheres temos que nos organizarmos nessas frentes para seguir com a nossa luta e para reforça-la – afirmou. Precisamos criar um sistema de autodefesa como mulheres. Isso significa não apenas no plano militar, mas também sob todos os aspectos. Temos que criar nosso próprio sistema para nos autodefendermos”.

“A frente das mulheres é muito mais forte que a dos homens – apontou a comandante curda. Quando nós mulheres organizamos nossa frente, ela sempre é de paz, para a liberdade, ecologia, e é uma frente que tem

uma essência, uma frente de pensamento. Se nos organizamos sobre estas bases podemos alcançar muitas vitórias mais. Nossas esperança e crença na luta, a maneira como nos vemos responsáveis por ela, detêm objetivos muito grandes, e agora esses objetivos tem que chegar a um novo nível organizacional”.

Ao se referir ao presente, Abdullah disse que “o mundo está queimando, por isso precisamos ser responsáveis por apagar esse fogo pela liberdade, mas não por uma liberdade individual. Temos que superar a questão da liberdade individual e temos que levar nossa responsabilidade a um nível muito mais amplo”.

A porta-voz das YPJ criticou “o sistema de opressão e dominação capitalista, que sempre nos coloca em crises, e caso queiramos superá-lo temos de buscar soluções”. Em Rojava, explicou Abdullah, “nós temos visto que a cultura da sociedade democrática é a nossa maior arma. Temos que construir conexões e laços democráticos entre mulheres; essa é a base de toda a luta. Temos que desenvolver um pensamento confederalista e democrático”.

Além disso, a comandante curda refletiu que atualmente “temos muitos problemas que são comuns: o nacionalismo, o classismo, a relação entre opressão e oprimido, problemas ecológicos, que tocam a todas nós. Temos que começa uma luta interna para resolver estes problemas. No mundo em que vivemos notamos que quando há um problema em um lugar, ocorrerão efeitos em todo o mundo. Quando a América Latina tem um problema, tem um efeito sobre nós. Quando há um problema que surge no Curdistão, também há repercussão pela América Latina”.

Antes de finalizar, Abdullah explicou que “a energia das mulheres é muito grande, o problema é que agora essa energia está dispersa, por isso temos de reuni-la outra vez em um marco mundial e universal. Em Rojava temos vivido isso em pequena escala, e temos visto que quando as mulheres unimos esta energia nada pode se colocar contra nós. Por exemplo, o Daesh era uma cópia do sistema de opressão e dominação mundial, e graças à energia das mulheres, dos povos e do apoio que temos recebido de todo o mundo, pudemos vencê-



-los. Todas as mulheres e povos do mundo tem tomado a responsabilidade de apoiar a nosa luta contra o Daesh. E agora nós estamos prontas para apoiar todas as mulheres e todos os povos do mundo nessas lutas comuns”.

Por último, a comandanta. das YPJ expressou: “Nós temos a esperança e a crença de que podemos criar um mundo de paz sobre a vitória da liberdade das mulheres, dos homens, e de todos os povos”.



**Mulheres!
Vida!
Liberdade!**

**Jin!
Jiyan!
Azadî!**





Mães com armas em mãos

Verão em Rojava, 15 horas da tarde no Centro da HPC-Jin (força civil de defesa feminina) nos arredores de uma cidade pequena, onde todo mundo se conhece. Custa até mesmo respirar sob 47 graus. Faz um vento forte, muito quente, que move e levanta a terra seca dos infinitos campos de trigo, já pelados, que desenham essa paisagem plana, com as montanhas de Bakur ao fundo. Entre nós e as montanhas, a fronteira com um outro Curdistão, o que aqueles que marcam as linhas dos mapas se empenham em chamar de Turquia.

Olho pela janela enquanto espero às mulheres. Vejo entre a nuvem de pó o menino em cima do burro que passeia com as ovelhas aqui em frente todos os dias. Sorte que está com a cabeça coberta, penso, ainda que tenha conhecido outras meninas e meninos que não a cobrem, trabalhando ou jogando sob o sol a qualquer hora. Mas a maioria da gente a cobre. É característico deste lugar, seja árabe, curda ou iazidi, seja ateia, cristã ou muçulmana, seja anarquista internacionalista ou uma revolucionária curda. É algo que nos iguala a todas que andamos por esta zona e não se corre o risco de apropriação cultural, porque sua utilidade é inquestionável. É, de uma só vez, necessidade e identidade, ainda que não seja por acaso que no verão se

use mais o branco. Eu mesma, que havia dito antes de sair de minha terra: “eu consigo com um boné”, tenho um kefiya que salva minhas orelhas das chamas. É um tesouro. Deu-me de presente a companheira de Kongra Star com quem estive compartilhando algum tempo nos povoados vizinhos, aprendendo a seu lado, a partir de seu trabalho revolucionário, admirando-a a ela e a tudo o que representa, que é a luta das mulheres, de todo um povo. Representa a fusão de todas as formas de autodefesa, agora materializada no trabalho comunitário. A que me deu meu segundo nome em memória de uma companheira caída. Um pensamento me leva a outro. Penso nela, na importância de seu trabalho de porta em porta, que é a chave para manter viva uma revolução, sobretudo nestes momentos de guerra especial em que os esforços dos inimigos se centram em desgastar a sociedade à base de arrocho econômico, cortes de água e luz, incêndios provocados, introdução de drogas... Tudo isso com o objetivo de desmoralizar para que as pessoas deixem de acreditar nesta nova organização comunitária que foi construída sem Estado, este exemplo para o mundo. Que importante é manter o moral alto, estar com as pessoas, acreditar de verdade. Para isso, a ferramenta das *perwerde* (formações)... A

palavra me devolve ao momento presente depois de adentrar em todos esses pensamentos.

A realidade da vida no dia-a-dia

As mulheres que espero chegam tarde para a formação, como sempre, e me desespero. Minha mentalidade analítica, europeia, calculadora, que me empenho em nomear “realista” outra vez me joga más lembranças: “Se seria tão fácil que o condutor saísse antes para buscá-las, se sabemos que a eletricidade acaba cada dia às cinco, por que não começamos um pouquinho antes ao invés de morrermos de calor quando se

cuidando de casa, fazem tudo o que implica terem se unido às HPC: formações como essa, assembleias de coordenação, defesa de manifestações, enterros e cerimônias em memórias das şehîds (mártires), presença e controle das estradas nas campanhas contra os incêndios, disponibilidade permanente diante de imprevistos, organização da vizinhança em momentos de guerra, etc. A mais jovem deve ter uns 20 anos e a mais velha uns 70, ainda que seja impossível saber suas idades, já que elas mesmas não sabem. São curdas que cresceram sem documentos por não serem reconhecidas pelo Estado sírio que as proibia sua própria identidade (falar sua língua, usar suas roupas, celebrar sua cultura...); além disso, elas não costumam celebrar aniversários, então, claro, não sabem a conta. Realmente é tão importante saber a idade?

Chegam dizendo: “Yadeeee, germ e, germ e!” (Mãe, que calor!) e, automaticamente depois: “Onde está o chay (chá)?”, me perguntam. Sabem que sempre sou a primeira a chegar e que às vezes o tenho pronto para quando chegam. Volto a lhes dizer que deixei de prepará-lo porque elas não gostam de como eu faço. Muitas companheiras internacionais (eşnabî, como nos chamam aqui) usamos a chaleira grande com água fervendo e a chaleira pequena com o chá concentrado para depois misturá-los e assim cada uma escolhe suas proporções e ser quer açúcar ou não. Aqui, nesta parte do Curdistão, se toma já mis-

apagam os ventiladores? Como pode esse movimento ser tão efetivo para algumas coisas e tão pouco em outras?” E me faço sangue ruim europeu... Logo volto às minhas aprendizagens em Rojava: não se trata de mim, se trata de todas.

Finalmente chegam às 15 horas. Todas são membras da HPC-Jin. São mulheres do povo, a maioria são mães que trabalham o dia todo, especialmente fazendo tarefas domésticas, com tudo o que isso implica, que, com uma média de 7 a 10 filhas cada, carregam a responsabilidade pela limpeza, pela manutenção de toda sua família, da comida ou da falta dela, etc. Estão cansadas, com dor nos joelhos, nas costas e na cabeça. No tempo em que não estão

turado em uma só chaleira e com quantidades importantes de açúcar. Por que teriam que escolher maneiras diferentes de prepará-lo se é uma espécie de consenso? Elas dizem que não sei fazer: “pobre eşnabî, não sabe”, e, apesar da minha ineficiência para preparar o chá, me incluem, falam a mim, não julgam meu aspecto, me oferecem tabaco, fazem eu me sentir uma a mais. Nos perguntamos umas as outras: “como está? como vai?” e se responde algo assim: “Deus, vou bem, obrigada, e você?”. Respondemos e repetimos as mesmas palavras cada vez que nosso olhar se encontra com o de outra, umas 15 vezes porque aqui se faz assim. Portanto, esperamos terminar o chá, já uma hora



depois, com a habitação cheia de fumaça. Com o mesmo interesse, falam do creme que usam no rosto e do óleo com que limpam o kalash, e alguma presume tê-lo sempre muito limpo.

Educação é a base da revolução

Finalmente começamos a sessão. Hoje o tema é Welatparezî, um dos pilares ideológicos da teoria de libertação das mulheres. Veio uma professora da cidade para dar a sessão. Depois de falar do amor pela natureza, pela terra e pela sociedade, e da importância crucial das mulheres para defendê-las, ela pergunta: “por que decidiram se unir às HPC?”. As respostas encham o local com uma espécie de ar fresco, que não é feito apenas de palavras. Também de emoções, de orgulho, de esperança. No entanto, com a última guerra de Serêkaniyê em suas memórias, pensamentos, corpos e olhares, respondem uma a uma. Elas são as que não foram quando começou a guerra (essa última guerra). As que ficaram porque tinham que defender sua casa, sua rua, seu bairro, sua cidade e seu campo, enquanto chegavam notícias de pessoas, muitas familiares ou conhecidas, caídas, desalojadas – ocupação em todas as suas cruéis formas. Enquanto muitas outras fugiam. Falam com orgulho

de sua atitude. Elas escolheram. Ser membra é um trabalho sem saldo. O requisito é querer. Algumas são familiares de şehîds, começando pela mais velha, que perdeu uma filha assassinada em Afrin pelo Estado turco em 2018. A mataram, como a tantas outras, quando defendia essa terra de oliveiras da invasão turca. Nunca recuperaram o corpo. Ela, a mãe, guerreira, lutadora, é ativa desde o início da Revolução e é membra das HPC desde sua criação.

Sua outra filha é uma das vigilantes que trabalham no Centro, neste momento está protegendo a porta de entrada. Está protegendo a nós.

As respostas à pergunta da professora são variadas, mas todas emocionantes: amor pela terra, respeito pelas que deram a vida por ela, o desejo de ficar, de lutar, de não renunciar a suas

raízes... Elas não querem ir para a Alemanha, ainda que muitas tenham familiares ali. Uniram-se pelo futuro de suas filhas e filhos, por suas vizinhas, pela Revolução... Querem ajudar a fazer o movimento mais forte, apoiar desde a base as companheiras que entram no front, levantar-se depois de cada caída, construir uma vida em companheirismo e igualdade, foram inspiradas pela necessidade, pelo orgulho... e o que move tudo: xwebawerî (acreditar em si mesmas). Acreditar é a chave. Serêkaniyê, como Afrin, foi “perdida” e isso é algo que se diz com um peso imenso e com um nó no estômago, mas elas seguem ganhando porque não deixaram de acreditar e de lutar. Todas estas são palavras delas.

As moléculas de ar fresco pesam mais, bai-



xam, e meus pensamentos negativos de uma hora atrás se vão pelas janelas com as moléculas de ar quente que sobem. Aqui é onde se põe tudo na balança e começa a pesar mais a força destas companheiras e amigas do que o atraso, o chay com muito açúcar a 47 graus de temperatura ambiente e o fato de saber que em um momento os ventiladores vão apagar e vamos começar a dizer todas, cada uma em seu idioma: “yadeeeeeee” (ai, Mãeeeeeee).

Começo a admirar suas vidas, sua força, constância, determinação, dignidade. Começo a sentir que estou em uma sala com 16 professoras e uma aluna, que sou eu. É parte da ideia de formação que tem o movimento aqui. Todas podem ser professoras e alunas de uma vez. Minhas verdades abso-

lutas, minhas lógicas, se colocam em dúvida.

Então se sente o silêncio inevitável. Se apagaram os ventiladores. Começamos a suar, a nos abanar com os panos que muitas tiram das cabeças e outras não. Entre mulheres, tudo muda. Tudo. Penso que os espaços autônomos permitem todo tipo de expressões, de postura... São imprescindíveis. Igual que no resto do mundo, aqui tampouco as mulheres são livres. Mas a Revolução caminha pouco a pouco, e é fácil ver tudo o que mudou desde o início. Sorte que em cada organização, instituição, comuna, há espaços autônomos para apontar essa construção conjunta que se quer livre do patriarcado.

E, apesar do calor que eu definiria como infernal, a lição segue. Não me equivocava sobre o "Yadeee", que agora se diz em voz baixa para no interromper as que estão falando, mas me equivocava sim sobre todo o resto. Nem a hora de atraso nem o calor impediram que a sessão fosse perfeita. Não se trata de mim. Se trata de todas. Um dos grandes aprendizados que cada internacionalista deve ter em Rojava.

A formação leva o nome da última şehîd identificada desta zona. Chegará o último dia em que convidaremos à mãe desta companheira caída nas montanhas para memorar a vida de sua filha. Seus olhos se molharão de tristeza e

emoção ao ver a foto que a presentaremos de sua jovem filha e ela se mostrará agradecida. Poucos dias depois voltarei a vê-la no cemitério de şehîds, com a foto em cima da tumba de outra mulher şehîd porque tampouco há corpo desta vez. Assim são as bombas; às vezes não deixam nada físico, ainda que seja bem certo que, tal como se grita e se repete aqui permanentemente, as mártires não morrem. Então presentes em todas as partes, levamos seus nomes, suas imagens, sua força, sua energia, sua memória. São inspiração e exemplo. Respeito.

A saudarei. A conheço. Estive em sua casa no dia em que a deram a notícia, vendo como gritava, chorava e caía no chão de dor. Me tomará a mão e me olhará com a mesma cara de tristeza e carinho que da outra vez, convidará a mim e a minhas companheiras eşnabîs para sua casa... E, quem sabe, talvez também se unirá às HPC. Assim é essa sociedade que convive com a morte e a dor: forte, incansável, acolhedora, lutadora até o final. Assim são essas mulheres. São um exemplo. Aqui só há uma coisa impossível. Impossível não apaixonar-se por elas e por essa Revolução.

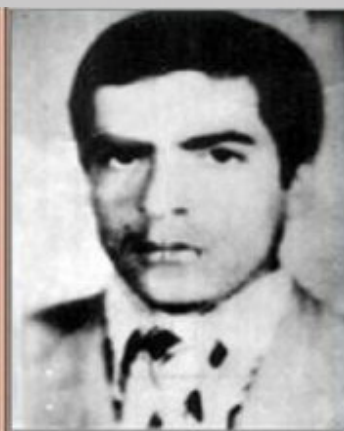




Ferhat KURTAY



Eşref ANYIK



Mahmut ZENGİN



Necmi ÖNER

O FOGO ROMPERÁ A OBSCURIDADE

O infame golpe militar fascista de 12 de setembro de 1980 na Turquia constitui um importante ponto de virada na história do país. Lançou um período que normalizou a violência, a repressão, a censura, a tortura e as execuções extrajudiciais e teve como alvo as forças revolucionárias na Turquia e no Curdistão em particular. Como resultado do golpe militar, 650.000 pessoas foram presas, 1 milhão 683 mil foram investigadas, 7.000 condenadas à pena de morte, 517 executadas (50 por enforcamento), 98.400 condenadas por pertencer a uma organização ilegal, 388.000 tiveram seu passaporte retirado, 30.000 foram forçadas para ir para o exílio, 171 morreram como resultado de tortura. 937 filmes foram censurados, 14.000 pessoas perderam a cidadania, 299 presidiários morreram na prisão e 400 jornalistas foram condenados a um total de quatro mil anos de prisão.

A prisão nº 5 foi construída na cidade curda de Amed (Diyarbakir) para servir de campo de concentração especialmente para movimentos revolucionários. Esta prisão foi criada e administrada por generais turcos de alto escalão e em grande parte operava além da lei. A estrutura e o sistema foram projetados para quebrar a força de vontade humana, honra e dignidade, para alienar as pessoas de sua identidade étnica e política e forçá-las a se renderem e aceitarem se tornar informantes. Além da violência física, a tortura psicológica foi usada através de métodos como falsos

testemunhos, falsificação de provas, manipulação de notícias e informações. O processo de turquificação forçada na prisão foi baseado na ideologia nacionalista de Mustafa Kemal Atatürk.

A prisão nº 5 tornou-se o laboratório de qualquer tipo de experimento de tortura. Enquanto muitos pensavam que a luta havia acabado, a resistência dos membros do PKK nesta prisão tornou-se um símbolo de esperança na revolução. Em 21 de março de 1982, que os curdos comemoram como o ano novo e o dia da resistência - "Newroz" -, um dos membros fundadores do PKK, Mazlum Dogan levou a resistência a uma nova dimensão ao incendiar sua cela e sacrificou sua vida. Sua última mensagem foi "A resistência traz a vitória, a rendição traz a traição". Em 18 de maio do mesmo ano, quatro outros membros do PKK, Ferhat Kurtay, Eşref Anyık, Mahmut Zengin e Necmi Öner continuaram a resistência de Mazlum Dogan colocando os braços em volta uns dos outros e colocando seus corpos em chamas. Quando outros camaradas tentaram parar o fogo, os quatro camaradas responderam "Não apague este fogo, esta é a chama da liberdade".

O auto-sacrifício é uma forma de ação que deve ser entendida como um clamor e um apelo para acabar com a injustiça da opressão contra os curdos. Durante a luta contra o ISIS em Kobane em Rojava, Arîn Mirkan, um comandante

das Unidades de Proteção Feminina YPJ sacrificou sua vida e se tornou um símbolo de resistência e dignidade contra o fascismo do ISIS. Da mesma forma, a autoimolação simboliza a agonia da injustiça vivida. Autoimolações, bem como "assassinatos suicidas", não são apoiados como meios políticos pelo movimento. Os caídos (Şehîd) são de alto valor ideal no movimento e são lembrados por sua postura idealista altruísta em sua luta e vida pela liberdade de sua sociedade e por ideais revolucionários. Abaixo, publicamos a carta dos quatro camaradas, Ferhat Kurtay, Eşref Anyik, Mahmut Zengin e Necmi Öner, antes de sua ação de autoimolação. A luz de qualquer fogo aceso romperá a escuridão que os inimigos tecem ao nosso redor.

A todos os nossos camaradas e à humanidade!

Nesta era, a consciência de classe e a consciência nacional estão assumindo novas dimensões. A humanidade levanta a bandeira da liberdade contra o cativo e o colonialismo cada vez mais alto. Para se proteger e garantir a sua autodefesa, o proletário segue passo a passo as suas tarefas históricas. Em todo o mundo, as lutas dos anti-imperialistas, anti-fascistas e anti-colonialistas progredem com dor, esforço, vida, sangue e sofrimento. É graças a essa resistência que os imperialistas não existem mais em muitos lugares do mundo. É graças a essas resistências que a existência dos imperialistas está ameaçada. O mesmo destino ameaça o colonialismo. O fascismo também está condenado a morrer um pouco mais a cada dia em face dos passos revolucionários do povo e do

proletariado. Nossa época é uma época em que revolucionários e anti-revolucionários se encontram frente a frente em uma luta feroz. É uma época em que a cada dia a bússola oscila mais para a revolução. Uma época em que nos aproximamos de um futuro que os povos do mundo e os trabalhadores anseiam. Se a roda da história continua a girar hoje, devemos isso aos vietnamitas, cambojanos, cubanos, palestinos, ao povo curdo, ao proletariado russo, alemão e búlgaro, que pagaram por isso com seu sangue e suas vidas. A guerra pela independência nacional e liberdade do povo vietnamita, coroada por uma vitória interna, foi um marco importante na história da revolução mundial. As contribuições inestimáveis desta revolução se tornaram uma luz para os povos oprimidos em sua luta pela libertação. Cada passo das lutas de libertação nacional vem com grande dor e exige grande sacrifício. Esta luta de longo prazo exige, antes de mais nada, que as pessoas morram por sua independência. Estas são as circunstâncias em que a independência nacional e a liberdade de um povo evoluíram. Para sentir e ver a vitória no horizonte, é preciso acreditar e confiar na luta.

Para alcançar a independência nacional, é preciso tornar-se um com o povo. Para se organizar é preciso conhecer e compreender o povo e ensiná-lo a acreditar na libertação. Isso requer a vanguarda certa. Com tal vanguarda, todas as dificuldades serão superadas e todas as portas abertas. Se olharmos brevemente para a história do Curdistão, vemos uma falta de organização que levou ao caos. Vemos colaboradores, personagens submissos - traidores e inimigos de classe - que, em nome da liderança, mergulharam seu próprio povo na ruína para promover seus próprios interesses.

A luta pela liberdade pela independência foi cortada pela raiz pela opressão inescrupulosa, invasiva, cruel e brutal dos estados colonizadores. Apesar de tudo isso, nosso povo nos deixou um legado de resistência. Se um povo insurgente como o povo do Curdistão, que derramou tanto sangue pela independência, que enterrou tantas crianças, tivesse uma vanguarda, uma liderança que não se alienou deles, o Curdistão já teria con-



quistado a independência dez vezes. Foi esse povo que quebrou o governo do império assírio. Este povo fundou o império dos medos, que se ergueu como um sol no Oriente Médio. Este povo carregou a tocha da independência, defendendo-a contra os exércitos invasores, os imperadores conquistadores que vieram do Oriente, do Ocidente e do Sul. Essas pessoas estavam morrendo de fome, sem teto, mas mantinham seu amor pela independência nas vastas montanhas. Esse povo conviveu com sua língua, sua cultura e produziu Mem û Zîn, Ehmedê Xanî e Feqiyê Tayran. Foi esse povo que opôs o amor à independência ao colonialismo dos turcos, persas e árabes com as revoltas de Ubeydullah, Bedirhan, Beydinan, Yezdan Şer, Revanduz, Sason, Agirî, Zîlan, Palo, Genç, Hanî e Dersîm.

Eles derrotaram e foram derrotados por sua vez, mas nunca se intimidaram com suas derrotas. Este povo tomou como exemplo Bese, que se jogou do precipício de uma montanha, recusando-se a se render e a cair nas mãos do inimigo. Este povo viveu com as memórias de incontáveis jovens e corajosos lutadores que floresceram como rosas na terra sangrenta. Ao longo dos anos sendo silenciado pela opressão sangrenta, pelo desejo de independência que se pensava ter sido destruído, pelo espírito de resistência e pelo espírito contemporâneo, o nascimento do PKK impulsionou a organização que ele encarna com um novo, mais entusiasta, ávido e determinado espírito. Após a sua fundação a nível ideológico, político e organizacional, o PKK tornou-se o alvo dos vigorosos ataques e conspirações do colonialismo turco. Um dos fundadores do movimento, o grande pioneiro comunista e internacionalista Haki Karer, foi vítima de tal conspiração.

O assassinato de nosso camarada Haki nos mostrou os desafios enfrentados pela luta revolucionária no Curdistão. Quando os primeiros passos para organizar a população e a luta popular foram dados no Curdistão, tornou-se imperativo usar a força revolucionária para superar

as dificuldades que surgiram. Isso foi indiscutível para a sobrevivência de nossa luta. Nesse sentido, a morte física de Haki também foi um marco no aprofundamento de nossa luta. O assassinato de Haki nos fez entender que a morte na luta contra o colonialismo deve ser vista como parte da vida. Hoje, na prisão de Diyarbakir, o inimigo está tentando sufocar nosso partido único, a esperança pela salvação de nosso povo, por meio de seus ataques à nossa pessoa. Esta é uma luta pela vida ou pela morte. As guerras podem ser perdidas, mas não podemos perder, porque as consequências seriam muito graves. A responsabilidade seria dolorosa e insuportável. Não podemos perder esta guerra. Quando entramos neste caminho trabalhamos sob uma bandeira de resistência imaculada e devemos carregar esta bandeira na mesma condição limpa. Nós não temos escolha. Para viver sob esta bandeira e erguê-la, não há outra maneira que resistir.

Nosso grande pioneiro e camarada Mazlum nos mostrou isso no passado. Como sempre, vivemos uma situação muito difícil e dolorosa nas masmorras de Diyarbakir. Em tal situação, o camarada Mazlum se tornou um símbolo, sacrificando sua vida preciosa. Nossa liderança partidária [Rêber Apo] exemplificou o padrão de responsabilidade com o camarada Mazlum. Sim, nosso partido espera que resistamos. Nessas condições de encarceramento, em que não temos armas, o partido espera que inflamemos nossas vidas e nosso sangue. A luz de qualquer fogo aceso romperá a escuridão que nossos inimigos tecem ao nosso redor. Cada fogo aceso destruirá a subjugação e os muros da traição, nos conduzirá ao nosso povo e aumentará a esperança que o povo vê em nós. Todo fogo aceso será conectado ao fogo que o camarada Mazlum acendeu com três fósforos e o aumentará. Este fogo destruirá a tortura e os objetivos abomináveis dos fascistas coloniais.



Mazlum Doğan

Amigos e amigas!

O inimigo é bárbaro, o inimigo é implacável, o inimigo está determinado a alcançar seu objetivo. Se não dissermos “pare” agora, não teremos apenas vergonha de nós mesmos como revolucionários, teremos até vergonha de nós mesmos como seres humanos. Se não sairmos desta prisão em nome do nosso partido, em nome do nosso povo, de cabeça erguida, as futuras gerações nos amaldiçoarão por isso. Nenhuma desculpa nos poupará do desejo de justiça de nosso povo. Nós, assim como nosso pessoal de fora, vivenciamos nas masmorras um tempo de morte e sobrevivência. A maneira de superar isso é óbvia. A experiência e herança da história do nosso partido nos deixou uma grande tradição de resistência. Essa tradição deve ser mantida. Hoje, no entanto, é mais crucial, mais vital e mais necessário manter essa tradição de resistência na prisão de Diyarbakir, onde o inimigo ataca impiedosamente de muitas maneiras perigosas para destruir a nós e nosso povo.

Ninguém que se organize no partido, nenhuma pessoa, nenhum ilustre Welatparêz [patriota] curdo, nenhum simpatizante e apoiante do PKK deve fugir desta responsabilidade. Todos podem fazer alguma coisa. E todos devemos ter consciência do que nosso partido e nosso povo esperam de nós e devemos lutar com essa consciência. Com esta ação vamos demonstrar na prática a responsabilidade, confiança e convicção que sentimos para com nosso partido, nosso povo e a humanidade progressista.

Camaradas!

Você deve saber uma coisa bem: a partir de agora o povo turco e curdo estará com você. Somos os sucessores de Haki em Antep, de Xelîl em Curnê Reş [Hilvan], de Besey em Dersîm. Somos os sucessores de Mazlum Doğan nas prisões. Não temos medo, você não deve ter medo.

Abaixo o colonialismo!

Abaixo o imperialismo!

Viva o PKK!

Viva a luta pela nossa libertação nacional!

Ferhat KURTAY

Eşref ANYIK

Mahmut ZENGİN

Necmi ÖNER







ENTREVISTA COM UM INTERNACIONALISTA EM SHENGAL

Merhaba heval, esperamos que você esteja bem. Você pode se apresentar em poucas palavras?

Dembaş hevalno, meu nome é Bager Şervan e sou um internacionalista do movimento pela liberdade. Eu venho da América do Sul, mas deixei minha vida de trabalhador lá para me juntar ao movimento revolucionário no Oriente Médio. Trabalho com o movimento há vários anos. Tenho 27 anos e isso é mais ou menos o que posso dizer...

Você pode nos dizer onde você está agora e o que está fazendo com o movimento?

Agora estou na região de Shengal (Sinjar), no norte do Iraque, fazendo um trabalho social principalmente com organizações de jovens. Organizamos comitês de jovens como parte do sistema confederalismo democrático e desenvolvemos muitas atividades em torno deste tópico. Por exemplo, eventos esportivos, culturais, sociais, etc. Também

desempenhamos um grande papel no fortalecimento da autonomia dos jovens, fornecendo seminários e formação ou ajudando-os a desenvolver ou encontrar atividades econômicas.

Existem outros internacionalistas ou estrangeiros em Shengal?

Sim, há um pelotão internacionalista nas forças de autodefesa e alguns outros amigos fazendo trabalho em outras áreas, como trabalho na mídia ou dentro do movimento de liberdade das mulheres. Também tem ONGs ocidentais, mas eu não as vi. Ouvi falar de uma ONG evangelista fazendo trabalho humanitário, mas os jovens yezedi que me falaram sobre ela, não gostaram nem um pouco. Eles disseram que são como o Daesh, pois queriam fazê-los abraçar o cristianismo. Os Yezidis têm muito orgulho de suas particularidades e não gostam da atitude caridosa da maioria dos ocidentais que aqui estiveram. Por outras mãos também devo dizer que parte dos estrangeiros aqui são

agentes dos serviços de segurança estaduais.

Sobre estados e agentes estrangeiros, você pode nos dizer qual é a atual situação política em Shengal?

Primeiro, posso contextualizar um pouco. Em 2014, o Daesh chegou a Shengal e perpetrou um assassinato em massa e escravizou milhares de mulheres e crianças. Elas mulheres escravas sexuais e as venderam no mercado negro e fizeram homens-bomba suicidas com os meninos. Os yezedis consideram este episódio como o 74º genocídio contra o povo e a cultura de lá. Quando os jihadistas invadiram a região, as forças de estados como o exército do Iraque ou o exército peshmergas do clã Barzani fugiram da governadoria regional do Curdistão. Os exércitos dos estados deixaram os yezidi enfrentando uma morte certa e horrível. Dezenas de milhares de yezidi tiveram que deixar suas casas e tudo o que tinham. Os guerrilheiros do PKK e alguns desertores peshmerga que primeiro deram as costas ao Shengal, ofereceram uma primeira resistência contra os fascistas islâmicos e depois, aos poucos, começaram a retomar o terreno das mãos do jihadistas. Esse é o ponto de partida de uma implantação popular do partido na região.

As forças legais dos estados fugiram e não ofereceram proteção, então os guerrilheiros se tornaram, na prática, as únicas forças legítimas no local. Rapidamente a guerrilha e as estruturas partidárias ajudaram a sociedade yezidi a desenvolver forças de autodefesa e estruturas democráticas por conta própria. Quando os guerrilheiros voltaram às montanhas, deixaram para trás forças revolucionárias autônomas bem treinadas e estruturadas, a milícia YBŞ, a milícia YJŞ e as sementes da estrutura democrática que cresceram até hoje. Com este episódio, é fácil entender por que Yezidi não confia no Iraque ou nas instituições e agentes dos Estados do KRG. E até eu poderia falar sobre outros tipos de abusos que os estados fizeram ou estão fazendo aqui contra civis. Estupros e sequestro eram comuns antes mesmo da chegada do Daesh. Temos que entender que os Yezidis são perseguidos há muito tempo por causa de suas particularidades culturais, mas ainda têm vontade de resistir. Essa vontade e capacidade de resistência vêm crescendo desde então.

O desenvolvimento de organizações confederativas democráticas tem fornecido a base para isso. Com formação política e estrutura autônoma como a de jovens e mulheres, mas também organizando infraestruturas, a população yezidi tem se tornado cada vez mais autoeficiente. Quanto mais a estrutura democrática se desenvolve, menos o Estado tem poder na região.

Por que e como os estados estão ameaçando a região de Shengal?

A autodeterminação dos yezidis é vista como uma ameaça pelos estados de toda a região. O poder imperialista também está determinado a acabar com a autonomia Şengal. É um processo materialista histórico que se repete aqui. Como a autonomia dos zapatistas ou do povo vietnamita foi vista como uma ameaça, hoje a autonomia Şengal assusta as potências hegemônicas. Isso levou diplomatas do Iraque, Turquia, EUA e KRG a construir um komplo contra as estruturas democráticas Shengal. A presença militar foi reforçada e todas as estradas principais que trazem para Shengal estão cobertas com dezenas de postos de controle. Todos os que viajam para esta região são fortemente controlados. A fronteira com a Síria foi reforçada, o que não acontecia durante o período Daesh. E muitos agentes foram implantados nas cidades e vilas. O KDP tem enviado tropas ao redor das montanhas Gare e Qandil para cortar o caminho de comunicação com os guerrilheiros do PKK.

As forças aéreas turcas estão constantemente sobrevoando a região e, de tempos em tempos, lançam bombas contra os alvos localizados. Na maioria das vezes, eles atingem civis, alegando que mataram combatentes ou terroristas do PKK. Por exemplo, algumas semanas atrás, Erdogan afirmou ter matado membros do ISIS para



o conselho europeu em resposta aos ataques na França. Na verdade, eles mataram civis em um carro em uma vila pastoril, matando um homem e ferindo outros dois. E quando os dois feridos foram levados para o hospital mais próximo em Mosul, a polícia iraquiana os prendeu. Isso mostra muito bem o komplo dos estados contra o Shengal. Por um lado, as forças iraquianas e do KRG enviam tropas armadas para isolar a região. Por outro lado, os aviões de guerra turcos atingiram civis para aterrorizar a população. O governo Trump fornece informações de inteligência, finanças e armas aos militares iraquianos e do KRG. Os EUA também desempenham um papel sujo na diplomacia internacional, usando sua influência para impedir que outras nações denunciem o komplo contra Shengal.

Esses são os primeiros passos antes de uma operação de invasão militar. Tudo isso com o objetivo de implantar uma guerra psicológica contra aqueles que se organizam fora das estruturas dos Estados. Para enviar uma mensagem para o povo Shengal, mas também para todo o mundo, que aqueles que rejeitarem o poder dos Estados serão perseguidos com armas modernas de guerra e serão considerados terroristas. A guerra psicológica, como em qualquer parte do mundo, é a maior ferramenta que os Estados usam contra as sociedades. Aqui em Shengal e particularmente agora, esses movimentos são muito óbvios. Se você der uma olhada nas mídias turcas ou barzanis, sua operação de propaganda é muito fácil de entender.

Você pode nos falar sobre a resistência da sociedade contra esse komplo sujo dos estados?

A resistência é organizada principalmente por estruturas democráticas autônomas e principalmente de vanguarda, como o movimento de mulheres ou o movimento juvenil. É uma resposta bastante lógica vinda dos assuntos revolucionários. Quero dizer, os jovens e as mulheres são os que mais avançaram no processo de democratização, então são eles que têm maior vontade de defender esse progresso. Na prática, podemos ver esses movimentos levando toda a sociedade às ruas para protestar contra os ataques de aviões turcos ou a traição do KRG-Iraque. Estão diariamente levantando a voz na

rua, mas também na mídia e a nível diplomático. Há todos os dias algumas declarações lidas publicamente por um ou outro grupo ou manifestações em diferentes partes da região de Shengal. Em algumas ocasiões, foi uma resistência espetacular contra os postos de controle do exército de ocupação do Iraque. Mas a maior resistência é o desenvolvimento das organizações democráticas. Há alguns dias um grupo de mães tinha o slogan A MAIOR VINGANÇA CONTRA O GENOCÍDIO DE YEZIDI É A ORGANIZAÇÃO DE MULHERES. Para resumir um pouco, a espinha dorsal da resistência é a organização, e a auto-organização popular traz para a sociedade a força, a vontade e o conhecimento para protestar e defender a democracia.



Você tem medo de ser confrontado com máquinas de guerra? Você tem medo de morrer ou ser ferido?

Claro que estamos. Pelo menos estou. Quem não ficaria? Mas também estamos preparados para isso. Como revolucionários, sabemos que teremos que enfrentar as forças repressivas do Estado. Levar liberdade às pessoas significa também tirar o poder dos estados, somos uma ameaça para eles. E em um plano de longo prazo, eles sempre tentarão nos esmagar. Sentir medo não é um problema, é uma emoção muito normal diante do perigo. Quando esse medo não nos impede de fazer o que é necessário, é um sentimento importante que nos dá a possibilidade de superar os obstáculos em nosso caminho. Seja realista, exija o impossível.

Obrigado por responder nossas perguntas. Talvez um último. Você pode nos dizer por que está lá como internacionalista e por que a situação do Shengal é importante para o resto do mundo?

Como eu disse, não sou curdo nem originário do Oriente Médio. Mas o que está acontecendo aqui é histórico. É uma luta pela autodeterminação pela democracia pela libertação das mulheres, este é um caminho muito importante na história da humanidade. As problemáticas aqui são muito semelhantes às problemáticas de muitas partes do mundo e, particularmente, da América do Sul. Aqui somos confrontados do colonialismo ao imperialismo e, claro, as raízes da mentalidade patriarcal capitalista. Estamos construindo na práxis uma resposta a esses problemas. Estamos desenvolvendo aqui uma solução que é uma inspiração para todas as pessoas e classes oprimidas em todo o mundo. Como internacionalistas, acreditamos que os povos unidos não serão derrotados. É isso que estamos fazendo aqui, criando a unidade dos povos.



Bijî Berxwedana Şengalê!



‘O PKK é o povo e o povo está aqui’



Sarya Onur

Esta frase expressa de forma significativa a relação dialética entre o Movimento de Libertação do Curdistão e seu povo. Mulheres revolucionárias militantes se unem à luta comprometida com a libertação da sociedade, e para alcançar essa libertação, além de lutar e resistir aos ataques dos inimigos, as mulheres militantes assumem a responsabilidade de abrir caminhos e acompanhar a sociedade rumo à auto-organização que as aproximará da liberdade.

Para entender a guerra do povo revolucionário, devemos começar perguntando o que é a guerra. Às vezes a guerra é travada pelo uso de armas, mas a guerra travada pelos poderes da modernidade capitalista contra as mulheres e as pessoas para impor seus projetos políticos de destruição da vida é uma guerra constante que ataca de diferentes lugares e usa todos os tipos de métodos; desde queimar florestas e campos, ao seqüestro, tortura, prisão e estupro, à proibição da própria linguagem, às ameaças e assassinatos. Diante disso, o povo deve se organizar em todas as áreas, não apenas os militares. É importante desenvolver um conhecimento profundo do inimigo. Quem é ele e como o sistema foi criado? Como ele funciona e trabalha? O que ele é capaz de fazer? Como ele

está presente em nossa vida diária? Como ele influencia nosso modo de pensar, agir e sentir? Conhecer bem o inimigo é um passo necessário na preparação para resistir e se defender contra seus ataques, desenvolvendo princípios claros de aceitação e rejeição que permitem às pessoas decidir como querem viver e tomar suas próprias decisões. Neste sentido, a criação de comunas, academias populares, cooperativas e todo tipo de instituições sociais para a organização da vida pelo povo é a maior autodefesa que as pessoas podem ter. Desta forma, constrói-se um povo preparado para lutar e resistir contra os ataques que vêm, para defender sua existência.

A fim de estabelecer a Autonomia Democrática, se o Estado não permitir o diálogo de forma consensual, o povo preparado e com consciência se levantará e levará a cabo a Guerra Popular Revolucionária. Um exemplo claro disto é a declaração de autonomia que o povo curdo fez em várias cidades de Bakur, -Norte do Curdistão- durante o ano de 2016, e a criação do YPS (Unidades de Defesa Civil) e do YPS-Jin (Unidades de Defesa Civil - Mulheres) para defender esta autonomia. Os jovens pegaram armas para defender seus bairros dos ataques ferozes do exército turco, realizando

uma resistência histórica na qual foi mostrada a face mais cruel do governo Erdogan. O importante é preparar o povo para resistir sem

lar da guerra do povo revolucionário, especialmente como mulheres, é importante mencionar o HPC-Jin, as forças comunitárias de defesa

O TEMPO DE MANIFESTAÇÕES ACABOU!

baixar a cabeça e lutar com a esperança de vencer, sempre buscando novos caminhos.

Como mulheres, devemos também nos preparar para a guerra do povo revolucionário, pois o patriarcado nos ataca diariamente e de todas as maneiras possíveis. É por isso que é necessário para nós mulheres em particular conhecer o inimigo e como ele está presente em nossas vidas, em nossas relações, em nosso modo de pensar, de sentir e de amar. Até que ponto desenvolvemos uma forte vontade e até que ponto estamos vinculados ao sistema patriarcal. Precisamos conhecer a história de como o patriarcado foi criado, para ver que ele nem sempre existiu e que antes dele as mulheres tinham um papel importante na criação e defesa da sociedade, algo que ainda está vivo hoje, apesar dos esforços do sistema para escondê-lo.

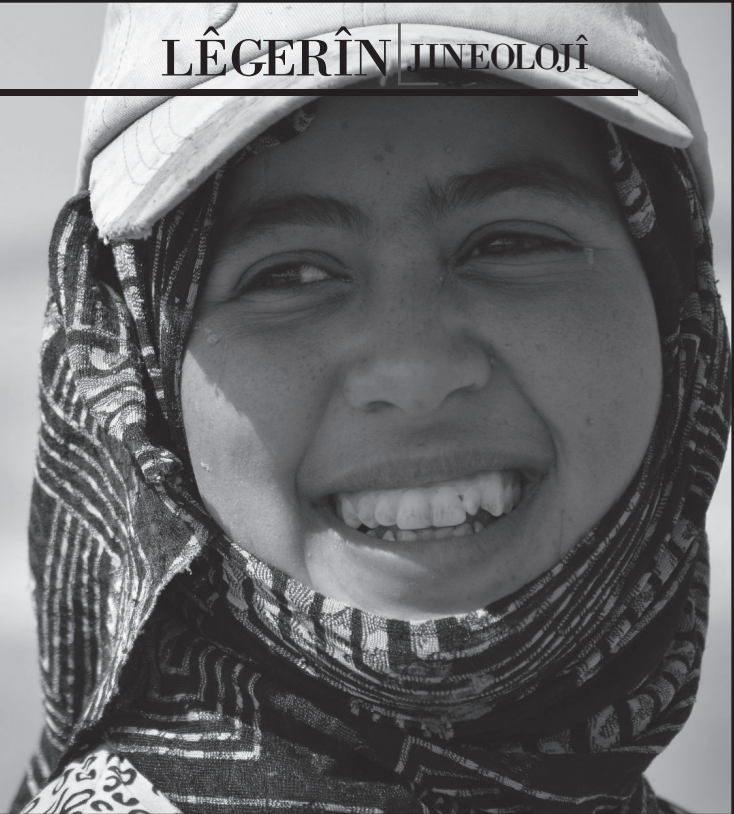
As mulheres são a força de sua sociedade, assim podemos ver como, quando o inimigo quer aniquilar um povo, ele ataca primeiro as mulheres daquele povo. A força organizada das mulheres,

e sua conexão com seu território, é a maior dificuldade que o sistema tem para se impor. Vimos isso durante a resistência em Afrin, onde mulheres de todas as idades saíram às ruas para defender Afrin do exército turco, convencidas de que não abandonariam suas terras, em uma resistência que durou 57 dias e era conhecida como "a Resistência da Idade". Ao fa-

compostas por mulheres, geralmente mães, que estão preparadas para pegar em armas e defender seus bairros e cidades contra os ataques do invasor, lutando ao lado de suas filhas e filhos com a convicção de que "não falecerão".

"Para uma guerra popular revolucionária não basta que as SDF (Forças Democráticas da Síria) lutem e as outras ajudem um pouco. O tempo das demonstrações acabou. Esta forma de ação não é o que a Rojava precisa no momento. É hora de todos os homens e mulheres curdos, jovens e velhos, se armarem e ficarem ao lado das forças armadas". Besê Hozat, co-presidenta do KCK





Jinwar

Como construímos a Aldeia de Mulheres de Jinwar em Rojava

Ao caminhar nas ruas onde a revolução feminina de Rojava / norte da Síria tem ocorrido nos últimos anos - uma revolução que está crescendo em seus próprios brotos -, a história serviu como nosso guia. Encontramos estátuas de deusas, nomes de aldeias, poemas, contos folclóricos, tradicionais tatuagens de fertilidade no corpo das mulheres (deq), símbolos e sinais nas paredes das casas das pessoas... Percorremos várias aldeias que levavam nomes de mulheres: Gundê Selma, Xezalê, Xatunê, Xizne, Hermel, Tuz Ana, Derin Ana, Cirn Ana, Kaya Ana, Kırk Kızlar, Kız Tepesi, Gozeltepe e muitos outros. Todos eles nos forneceram os meios para imaginarmos nossos sonhos, com sua trama histórica e tesouros de conhecimento.

Iniciamos nosso período de construção com um grupo de amigos. Para além de uma forma de vida concreta, o nosso projeto era constituir uma resposta à pergunta "Como viver?". A construção da aldeia feminina de Jinwar foi saudada, seguida e apoiada por todos que contribuíram para a revolução de Rojava com entusiasmo e entusiasmo. Logo, nosso número aumentou e também a riqueza e diversidade de pensamentos, idéias e perspectivas que

criaram a aldeia. Todos saudaram nosso desejo de criar uma vila ecológica para mulheres, cuja economia seria baseada na agricultura, agricultura e trabalho manual e mental das mulheres.

Em vez de usar concreto na arquitetura da vila, preferimos usar tijolos de barro para as casas arejadas de um andar com grandes pátios, pois tínhamos experiência e conhecimento suficientes a esse respeito. Avaliamos modelos de assentamento que possibilitariam uma vida comunitária, onde as mães pudessem criar seus filhos com conforto e onde a vida fosse geralmente acessível e funcional. Por meio de um longo processo de discussão, chegamos à conclusão de que cada casa deve ter seu próprio jardim, que cada residente deve receber um pedaço de terra designado para atender às suas necessidades sazonais, que áreas de agricultura, cultivo e jardinagem devem ser disponibilizadas para atender à autossustentabilidade das necessidades emergentes da vida comunitária, e que esforços devem ser feitos para plantar árvores na aldeia. À medida que essas discussões prosseguiram, a área onde a aldeia seria construída foi determinada. Assim, a construção da aldeia começou com o processo de arborização.

A Jinwar é muito mais do que uma vila de mulheres, é um espaço livre

Além das discussões sobre o sistema de vida e construção da vila, queríamos apresentar projetos para crianças. Ao discutir o sistema educacional, tomamos o cuidado de aumentar a alegria das crianças em aprender, prestando atenção a coisas como fornecer grandes áreas verdes e salas de aula redondas. Um cuidado especial foi tomado para garantir a existência de espaços lúdicos para as crianças, bem como meios para as mulheres se engajarem em atividades sociais e trabalharem para aprimorar sua capacidade de desenvolver seus talentos e aprender novas habilidades. As casas foram concebidas de forma a formarem um círculo e estarem frente a frente, de forma a servirem simultaneamente de muralhas da aldeia. O centro é o playground designado para as crianças.

Além das 30 casas e do sistema escolar, foram construídas a padaria 'Aşnan', 'a loja da minha irmã', o centro de saúde natural 'Şifajin' e a 'Jinwar Academy'. Se contarmos também os abrigos de animais para nossa economia de subsistência ecológica, podemos falar de um total de 50 edifícios em nossa aldeia, entre casas e instituições.

Para encontrar uma representação visual de nossa vida, queríamos decidir sobre um símbolo. Começamos a considerar diferentes símbolos, como o Shahmaran, a Rainha das Cobras, uma criatura mitológica feminina regional que representa a fertilidade, abundância e sabedoria, ou a deusa mesopotâmica Kubaba com romãs nas mãos, ou a deusa da fertilidade do norte da Síria Atargatis, ou a Ashnan histórica, a deusa dos grãos da Mesopotâmia. No final, concluímos que nosso símbolo deveria ser a planta hermel (rua síria ou perganum harmala), que cresce nas colinas de terra preta e é usada por curdos, árabes, sírios, assírios, armênios e tchetchenos na região como um remédio caseiro diário. Acredita-se que a planta remove pensamentos negativos e é a cura para mais de 200 doenças diferentes. Escolhemos a decoração de parede comum feita de hermel como o símbolo de Jinwar.

Enquanto todos estavam inundando a propriedade vazia para lançar as primeiras fundações de nossa casa, houve muitas discussões sobre o nome da aldeia. Logo, decidimos que deveria ser Jinwar. Jinwar ou Warê Jinan significa "morada das mulheres" ou "habitat das mulheres".

Conforme nossas pesquisas, cálculos de custos, planejamento de infraestrutura e logística (equipamentos de construção, veículos, obras rodoviárias etc.) avançavam, começamos a fazer tijolos de barro. Para isso, consultamos trabalhadores e pessoas capacitadas. Quem ficou curioso com nosso trabalho, passou por nossa casa. No espírito da vila, grupos multilíngues e multiculturais se reuniram e uniram esforços para a construção da vila. A harmonia complementar entre as muitas línguas e culturas que forneceram ajuda parecia tão natural e emocionante que muitas vezes esquecemos que não falávamos a mesma língua! Através de uma combinação de mímica, gestos e trabalho coletivo, conseguimos nos comunicar e nos entender. Às vezes, tínhamos que carregar coletivamente solo de outras áreas para nossa casa. Fazíamos feno, carregávamos pedras nas costas e no colo.

Cooperação e superação

Superamos nossas tarefas mais difíceis com a ajuda de todos os convidados que vieram nos visitar. Enquanto nossos convidados da Europa cobriam os tijolos de barro para protegê-los da chuva, mulheres árabes empurravam seus carros presos para fora da lama. Algumas pessoas ficaram muito curiosas sobre nossa situação, mas muito distantes, então tentaram nos apoiar por telefone. Dessa forma, até as tarefas mais difíceis se tornam agradáveis. As administrações locais não esperaram por uma ligação ou convite para nos trazer os materiais e ferramentas de que precisávamos. Diferentes instituições de Rojava vieram em grupos para pedir formas de apoiar a construção da aldeia. Mulheres eletricitas e carpinteiras de diferentes partes do mundo expressaram o desejo de viajar para a aldeia para trabalhar. Havia muitas mulheres que acreditavam que a vida aqui seria linda, mesmo antes de a vila das mulheres ser construída. À medida que o projeto se desenvolvia e tomava forma, a sociedade ficava cada vez mais animada. Todos queriam participar, mesmo que isso significasse apenas colocar uma pedra na outra.

Nem um único momento passou sem ação. Mesmo durante os intervalos para chá ou refeições, tentamos encontrar soluções para os problemas que enfrentávamos. Discutimos maneiras pelas quais podemos melhorar nossa capacidade de cooperação. Existe um ditado em curdo: "tekîliyên bi nan û xwêy" - laços através

do pão e do suor - que parece ter sido atualizado com a construção de Jinwar. Realmente conseguimos criar um estilo de relacionamento que compartilha e produz tudo sem interesse próprio.

A construção da vila das mulheres começou em 10 de março de 2017, logo após as comemorações do dia internacional da mulher 8 de março, e abriu suas portas para os moradores e



trabalhadores em 25 de novembro de 2018, dia internacional contra a violência contra as mulheres. As mulheres começaram a se candidatar para morar na aldeia, ainda durante as obras de construção e se mudaram quando as casas foram sendo concluídas. Eles lideraram a cerimônia de abertura de suas próprias casas novas.

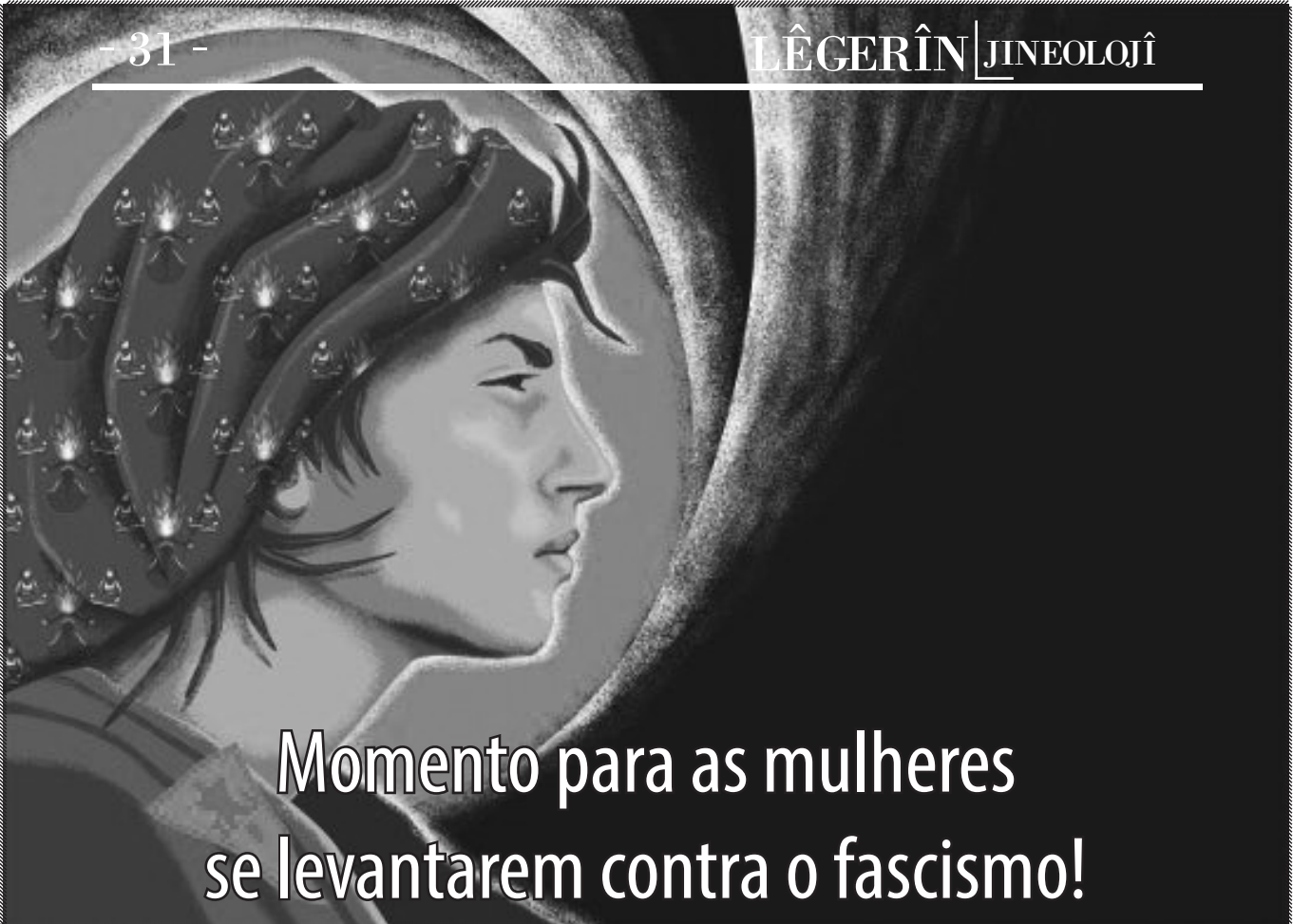
As mulheres de Jinwar queriam governar com base em princípios democráticos que respeitam os direitos de todos e garantem a capacidade de todos de participarem da vida como iguais. Assim, os debates Jinwar sobre o conselho de mulheres da aldeia começaram. Cada mulher que se estabelece na aldeia pode participar do conselho da aldeia e ajudar a planejar a vida da aldeia. As mulheres Jinwar podem assar o pão coletivamente na padaria ou cozinhar e comer na cozinha comunitária. Na escola, na academia ou no centro de saúde, bem como nas áreas

da agricultura, mídia e diplomacia, toda mulher pode assumir responsabilidades com base em seus próprios desejos. Ela pode moldar a vida social, acolher delegações visitantes, administrar a loja com seus próprios produtos de acordo com suas necessidades. Ela pode obter educação e participar de discussões na academia. Ela pode discutir e compartilhar suas visões sobre mulher e vida, co-vida livre, mulheres e ética-estética, mulheres e ecologia, mulheres e economia, mulheres e história, mulheres e saúde / saúde natural. É claro que as mulheres também podem cuidar de suas necessidades além da aldeia, elas vão em visitas familiares ou convidam e hospedam seus entes queridos na aldeia. Mas os homens não podem passar a noite na aldeia.

Quando as mulheres contam suas histórias umas às outras, fica claro que cada uma delas espera o início de uma nova jornada com sua vida na aldeia. Nas discussões do nosso dia-a-dia, as mulheres expressam constantemente a sua felicidade: "Que grande que existimos, que grande somos juntos, que grande que estamos aqui. Cada grupo de mulheres pode ser capaz de imaginar e criar esses espaços e vilas para si mesmas."

Jinwar surgiu como o esforço e trabalho coletivos de voluntários e mulheres trabalhadoras curdos, árabes, armênios e circassianos. Jinwar foi construído no solo de propriedades agrícolas áridas, um pedaço de terra pedregoso e seco, onde os animais pastavam e as crianças brincavam no verão. Pela primeira vez, este pedaço de terra vive um período de criação de tais dimensões: seu próprio solo, água e pedras serviram de base para a construção de uma aldeia inteira de mulheres. Constitui uma geografia para que diferentes comunidades, culturas e crenças se misturem na criação de uma nova vida. Cada pessoa, ao pisar neste solo, se enche de alegria por contribuir com algo para este empreendimento histórico. Hoje, as mulheres em Jinwar se recriam a partir de suas cinzas para desenvolver sua própria identidade autodeterminada.





Momento para as mulheres se levantarem contra o fascismo!

Hadiyya Youssef, membro do Comitê Executivo do Partido da União Democrática (PYD), disse que na Síria e na Turquia "uma política sistemática e maliciosa sobre as mulheres está sendo implementada para restringir sua liberdade e apagar sua identidade". "É hora das mulheres se levantarem contra as políticas que estão sendo conspiradas contra elas e minar sua liberdade", disse a líder do principal partido curdo da Síria.

Segundo Youssef, no período recente houve um aumento no número de assassinatos de mulheres, que também são vítimas de violência contra elas pelos regimes e poderes dominantes tanto na Síria como na Turquia. A agência de notícias ANHA manteve um diálogo com o representante da PYD, do qual reproduzimos os fragmentos mais importantes:

Em geral, há violência contra as mulheres em toda parte no Curdistão, especialmente contra as mulheres curdas. Mas o que o sistema patriarcal busca com essas políticas, e qual é o perigo que as mulheres representam para o Estado, para que a violência contra elas aumente até este ponto?

Na sociedade natural, as mulheres desem-

penharam um papel pioneiro na organização da sociedade e no desenvolvimento das bases da vida, já que a sociedade costumava desfrutar de igualdade e justiça, longe da classe e da violência estabelecidas pelo sistema masculino após uma luta que durou mais de 200.000 anos. Esta luta tinha como objetivo extrair o poder que as mulheres tinham, para permitir o surgimento de uma sociedade masculina, na qual existem muitas classes e também a autoridade governante. Este foi o sistema de mentalidade masculina que foi imposto à sociedade.

Este sistema impôs uma mentalidade à sociedade, por isso organizou a mulher de acordo com as intenções que tinha. Apesar das políticas que aplicava às mulheres, temia o poder das mulheres, porque a organização da sociedade lhes pertencia. Assim, o sistema masculino temia que as mulheres voltassem ao seu sistema da era Suméria de mais de 5.000 anos atrás.

O sistema patriarcal teme esta política e, ao não mostrar a força e a vontade das mulheres, tentou por vários meios reprimir e minimizar sua liberdade e submeter sua liberdade aos costumes e normas. Portanto, a violência doméstica cresceu

na sociedade a ponto de subordinar as mulheres às decisões da autoridade, e costumes e tradições ultrapassados foram impostos às mulheres na sociedade para mantê-las dentro dos moldes, leis e limites que esta última lhes havia estabelecido. Além disso, o sistema estatal foi consolidado na subjugação das mulheres, porque a violência é um dos métodos básicos do Estado. Vemos que todas as leis emitidas pelos Estados, a começar pelos países mais democráticos, carecem de legislação para proteger as mulheres.

Violência patriarcal é um problema global

Vemos também em todos os países do mundo que as mulheres estão expostas a todo tipo de violência e injustiças, por isso concluímos que estas políticas que são aplicadas são para impedi-las de obter seus direitos, e para que elas estejam sempre sujeitas aos homens e sua mentalidade. As mulheres têm a maior proporção de estupro na Turquia: deslocamento, estupro e assassinato, especialmente as que foram deslocadas da Síria e exploradas (escravidão com o objetivo de exploração sexual), bem como o casamento infantil. Como isto pode ser explicado?

A Síria é um dos países onde as mulheres têm sido vítimas de violência, especialmente à luz do início da revolução, de 2011 até agora. As mulheres têm sido altamente exploradas, porque a sociedade caiu cativa do conceito dos grupos mercenários que surgiram, cuja mentalidade é baseada no extremismo e na escravidão sexual. Para estabelecer seu tipo de sociedade, esses grupos extremistas atacaram primeiro a vontade das mulheres, de modo que milhares de mu-

lheres foram mortas, estupradas, apedrejadas e exploradas, para que esses grupos continuassem seus atos atrozes contra a sociedade.

A cidade de Shengal (uma maioria Yezidi no norte do Iraque) foi um exemplo importante disso, pois vimos com nossos próprios olhos o que aconteceu com milhares de mulheres. Podemos concluir que a luta entre mulheres e homens durou 5.000 anos, e os direitos que as mulheres conquistaram durante a Revolução Vermelha foram destinados à vontade das mulheres.

A Síria não foi poupada dessas violações. Por um lado, há a revolução pela liberdade, liderada por mulheres, com o apoio das Unidades de Proteção à Mulher (YPJ), e a construção de uma revolução na qual milhares de mulheres que buscam a liberdade estão se unindo. Mas os casos de violência e assassinato de mulheres são uma guerra contra a revolução pela liberdade da mulher. No mesmo contexto, as mulheres que foram submetidas à violência sofreram a devastação da guerra e fugiram desta realidade, particularmente para a Turquia. Mas vemos que aqui elas foram escravizadas e exploradas como uma mercadoria, já que milhares de mulheres residem em campos turcos para sírios deslocados e estão expostas à violência e a todo tipo de injustiça. Hoje descobrimos que as mulheres na Síria estão expostas à violência e se casam muito cedo. A questão da liberdade das mulheres é uma questão internacional, pois quando as mulheres tentam se libertar da escravidão, ficam expostas à violência e a insultos de diferentes formas, especialmente em países que sofreram os flagelos da guerra. Uma política maliciosa clara e sistemática é aplicada às mulheres a fim de quebrar sua liberdade e apagar sua identidade



para que elas não alcancem seu objetivo. Também para destruir os princípios da sociedade, quebrando, por sua vez, a vontade das mulheres. Assim, as mulheres estão em uma grande e contínua luta para enfrentar esta mentalidade.

A absurda realidade na Turquia

Na Turquia, o número de assassinatos de mulheres por seus parentes e o estupro de crianças e mulheres jovens por policiais aumentou; entretanto, esses crimes não foram punidos, mas, ao contrário, o estuprador é libertado e casado (com sua vítima). Qual é a intenção da Turquia com essas políticas?

O estado turco é um estado ocupante. Podemos chamá-la assim, porque desde a era otomana e até hoje, a Turquia é conhecida por sua ocupação de regiões no Oriente Médio. Apesar disso, a Turquia tenta mostrar que é um dos países mais democráticos, e tenta promover sua adesão à União Européia (UE); mas seus métodos diferem disso. Durante o governo do Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP), todas as leis que visam a liberdade da mulher foram violadas.

Aprendemos que na Turquia, um oficial turco estuprou uma menina, acenando e segurando na mão a bandeira do fascismo, porque a Turquia é um país construído sobre os princípios e fundamentos do fascismo, e não há lei para processar esse oficial. As reações da sociedade a este ato atroz foram fortes. Mas infelizmente há muitos casos semelhantes no Curdistão. Os tribunais turcos estão cheios de casos de violência contra as mulheres.

Também vemos milhares de mulheres nas prisões turcas, lutando pela liberdade e re-

presentando a vontade do povo, que sofre os mais horríveis tipos de tortura e violência. Testemunhamos, diariamente, mulheres perdendo suas vidas ou iniciando campanhas de greve de fome, a última das quais foi liderada pelo advogado Ebru Timtik, que resistiu ao fascismo turco por mais de 200 dias. A Turquia aplica sua política a todas as mulheres que buscam a liberdade e tentam construir um sistema democrático, longe do poder e da violência.

Sobre todas estas práticas e violações que ocorrem contra as mulheres, qual é o papel das organizações internacionais e das organizações de direitos humanos das mulheres neste momento? Infelizmente, diante de todas essas violações, injustiças e violência às quais as mulheres são submetidas, vemos que as organizações internacionais permanecem em silêncio e não se levantam contra esses países que tentam restringir a liberdade das mulheres, pois são países que servem aos interesses dos Estados autoritários. É por isso que as mulheres devem organizar suas próprias instituições de direitos humanos, desenvolver seu sistema independente e possuir uma instituição crescente diante do sistema patriarcal e da escravidão, a fim de pôr um fim a esta violência.





UMA REVOLUÇÃO SOCIAL PARA NOSSO TIEMPO

"Mas a revolução universal é a revolução social, é a revolução simultânea do povo dos campos e das cidades. É isso que é preciso organizar, — porque sem uma organização preparatória, os elementos mais fortes são impotentes e nulos."

Mikhail A. Bakunin

Aqui no Brasil, os tempos que vivemos são muito duros, e é difícil até mesmo imaginar poder mover as coisas de fato. Crescemos com lentidão enquanto a conjuntura acelerada nos demanda uma capacidade de ação que não possuímos. Na busca por um novo modelo de regulação capitalista, as burguesias vêm conduzindo os povos oprimidos para o abismo da precarização e da destruição da terra.

Estamos em guerra, uma guerra entre a humanidade e sua própria sobrevivência, um conflito que vêm se arrastando há séculos e que hoje encontra um dos seus momentos de maior envergadura à medida que o projeto de des-

truição avança, revelando as verdadeiras armas de destruição em massa de nosso tempo: o mercado financeiro, as escavadoras, as plataformas de petróleo, o agronegócio, as estruturas de dominação cultural; um capitalismo financeirizado como nunca e ao mesmo tempo brutalmente extrativista. Os ricos proclamam que estão dispostos à destruir nosso ecossistema e nossas vidas para que não tenham que renunciar a um milímetro de seus privilégios, é a Quarta Guerra Mundial.

A diferença com os conflitos imperialistas é que é mais importante ganhar o apoio popular do que conquistar territórios e recursos. Não poderemos ganhar através da 'guerra de posições' proposta pelas burocracias de esquerda, e também não apenas com uma simples 'guerra de movimento', mas uma que enquanto mantemos a iniciativa e evitamos os pontos fortificados do inimigo adentrando suas brechas, seja a guerra de todo um povo contra seus opressores, como afirmava Abraham Guillén; que não se resolverá de ime-

diato e necessita da constância e determinação para a condução de um conflito prolongado. Uma guerra sem militarismo, que não sera decidida pela força das armas, pelo contrário, mas pela organização de base das classes oprimidas ao recriar as estruturas para a nova sociedade.

Curdistão e o Confederalismo Democrático

A Revolução de Rojava e o Confederalismo Democrático possui três grandes significados para nós: (1) que as revoluções ainda são possíveis (2) que o caminho do socialismo libertário além de possível é o correto (3) que apesar dos diferentes contextos e raízes há muito o que podemos aprender e adaptar, afinal se entendemos que nossas lutas estão relacionadas, isso quer dizer que possuem um mesmo pressuposto de prática e de projeto.

A busca pela participação nas estruturas de dominação por parte da esquerda burguesa não apenas levou a um distanciamento da classe trabalhadora, mas à ausência de relações entre projetos políticos de transformação e nossos territórios. Se queremos construir alternativas concretas, devemos começar por ali, escutando não apenas Rojava e Chiapas, mas em nosso próprio Brasil as comunidades indígenas, quilombolas, camponesas e nossas favelas e gigantes periferias urbanas; que vivem sob condições do extermínio cotidiano promovido pelo Estado.

Nossa revolução, seja ela presente no Curdistão ou no futuro do Brasil, não se interessa pela tomada do poder político. A ruptura com o patriarcado e o capitalismo não passa por corta-caminhos, e demanda a ação difusa em todos as esferas (cultural, econômica e política);

seu sujeito revolucionário forma-se através do trabalho militante e não está pré-determinado, são as classes oprimidas em toda sua amplitude e diversidade que formam um povo forte. Por isso dizemos que nossa revolução é social, pois age na sociedade, subverte e reconstrói suas estruturas, não disputa poder com o inimigo, mas constrói seu próprio poder sem a necessidade de intermediários. Seu programa é o da emancipação e autogestão em todos os níveis, de corpos e territórios.

"Insistir no socialismo é insistir em ser humano"

Nossa convicção ideológica no Socialismo Libertário se dá pela prática, nossa teoria é para atuar na realidade e nosso programa anarquista é fruto das lutas cotidianas. Isso quer dizer que nossa ação é orientar a militância disseminada nos diversos setores de luta - no campo e na cidade, em trabalhos de produção coletiva, grêmios estudantis, pré vestibulares, sindicatos, universidades, ocupações, associações de moradores, espaços de mulheres, educação popular e cultura, como nas mobilizações e fóruns populares de articulação - buscando estimular e influenciar, mas também é importante ressaltar que somos modificados em igual medida no cotidiano das lutas e dos anseios de nosso povo. E é inserida nessas dinâmicas sociais que uma base ética e uma concepção de estilo militantes também se forjam e se qualificam enquanto frutos de amadurecimento político e reflexão nas lutas cotidianas.

Ricardo Flores Magón dizia que é o próprio povo, são os famintos, são os deserdados os que têm de abolir a miséria. Por mais que possam parecer atrativos, não podemos aceitar atalhos, e reorganizar a sociedade pela democracia de base sem disputar o aparato dominador do Estado-Nação, pressupõe o ataque direto às fontes do privilégio da riqueza e do poder assim como da dominação patriarcal e colonial. Isso quer dizer romper com o individualismo, valorizar e estimular o sentido comunitário, aquilo que podemos chamar de dimensão coletiva, nos en-



tendendo como parte de um todo. E é organizando esta força coletiva, através de instâncias de debate e decisão que somos capazes de avançar conjuntamente rumo a nossos objetivos

E quando nos unimos coletivamente é que iniciamos um longo processo de aprendizagem, experimentação e emancipação. Afinal, a luta é uma grande escola, nela aprendemos, cultivamos e experimentamos os valores da sociedade que queremos construir, ou seja, não importa tanto onde começamos a nos organizar, o essencial é que os processos de ruptura sejam conduzidos através de práticas condizentes com nosso projeto de sociedade, pois os fins estão nos meios.

Para lutar com efetividade contra a modernidade capitalista não podemos esquecer do internacionalismo, pensar e atuar localmente por um lado, pensar e agir globalmente por outro, tecendo redes e articulações para compartilharmos nossas questões e compactar as diversas resistências contra nossos inimigos em comum, o Capital, o Patriarcado, o Racismo e o Estado. Enquanto lutadoras e lutadores, sabemos que não estamos sós, e que o mundo novo que carregamos em nossos corações reflete-se aos milhões em cada canto do planeta. Como cantam as comunidades Zapatistas: que vivamos pela pátria ou morramos pela liberdade, porém não por esta pátria, mas pela pátria universal.

Construir a luta por vida digna, organizar os povos latinoamericanos em movimentos combativos e autônomos, partir de nossos territórios

para construir poder popular e pouco a pouco ir consolidando um amplo movimento de massas capaz de derrocar a soberbia das classes dominantes e do imperialismo, apontando para um processo de transformação estrutural da sociedade. Eis nossa tarefa conjunta, que não deve ceder espaço aos egos, às práticas burguesas de difamação, à violência verbal e arrogância que impedem colocar as diferenças de lado para construir pontos de união e solidariedade. Algo que talvez os ventos de liberdade que sopram desde o curdistão sírio possam ajudar a desenvolver.

O Oriente Médio e a América Latina compartilham uma irmandade surgida pela dor do saqueio e destruição de suas terras, da negação e genocídio dos povos, do domínio imposto sobre as mulheres, da exploração imperialista sobre a classe trabalhadora. Desta dor hoje fazemos esperança e força para unir o disperso e organizar o desorganizado, sabendo ser e formar aquela alternativa libertária de “um mundo onde caibam muitos mundos”. Se prestarmos atenção conseguiremos escutar, no estrondo e no silêncio, as milhões de vozes que como uma só gritam desde baixo: arriba las y los que luchán!

**Com os oprimidos,
contra os opressores
SEMPRE!**

Coordenação Anarquista Brasileira (CAB)



¿QUÉ HAY DE LA EXPERIENCIA DE ROJAVA EN NUESTRAS LUCHAS?


Texto: Teia Dos Povos

Artes: Colectivo PingaPinga

indígenas e comunidades tradicionais, na luta das mulheres, nas lutas por transporte público, moradia, pelos territórios periféricos nas cidades e contra o genocídio. É uma perspectiva de luta conjunta que não conhece as fronteiras do Estado-nação, a aliança entre os povos tão diversos num mesmo Estado-nação, a luta pelos territórios, pela libertação das mulheres, ecologia desde baixo e pela autogestão.

Ainda relativamente pouco conhecida (ou ignorada?) fora dos círculos mais libertários, o pensamento político da luta curda, traduzido em textos fundamentais como os de Abdullah Öcalan, assinala a urgência de uma crítica radical ao Estado-Nação como provedor da autodeterminação de povos minoritários, a exemplo dos que se encontram pressionados pela escalada dos conflitos no chamado Oriente Médio, trágico legado dos longevos interesses do capital na região. Ao colocar em questão os pilares do Estado-Nação — o nacionalismo/patriotismo, a ciência positivista, o sexismo e a religiosidade — a defesa do Confederalismo Democrático como "paradigma social não-estatal" aponta a falência do modelo de controle da ordem internacional atualmente vigente, pela incapacidade de oferecer aos povos garantias efetivas de sua liberdade, e denuncia a sua cumplicidade com a submissão destes povos à ordem capitalista e sua democracia liberal.

O Estado Turco, na suas aventuras imperia-



Desde 2012, curdas e curdos iniciaram uma revolução social no norte da Síria, em busca de sua autonomia coletiva enquanto povo. No Brasil, foi muito divulgada como uma luta inspiradora por organizações, movimentos e pessoas que se identificam ideologicamente com a luta, principalmente libertários (as). Mas solidariedade não pode ser apenas na ideologia, abstrata. Ela tem que fazer pontes, ser real e concreta, ver as ameaças e destinos comuns que estão submetidas. O próprio Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), protagonista dessa transformação junto com a União das Comunidades do Curdistão (KCK), se valeu desse tipo de solidariedade, lutando e treinando guerrilheiros (as) junto a palestinos (as) contra o Estado de Israel no Líbano em 1982, mas também construindo o Confederalismo Democrático no nordeste da Síria com armênios, assírios e árabes de diferentes religiões. Pensando nessa solidariedade com pontes, vários fundamentos das lutas de lá estão presentes nas lutas daqui, da autodeterminação dos povos

listas no Oriente Médio e colonizadoras em seu próprio território, submeteu ao genocídio curdas e curdos - além de outras etnias - desde sua fundação, negando sua existência e as/os considerando como "turcos da montanha", exterminando qualquer resistência. De maneira muito parecida ao Estado brasileiro - e piorado no atual mal governo daqui - com os povos negros e indígenas, até hoje a Turquia segue sua empreitada racista para matar e apagar a existência de curdas/os. Como a Usina Hidrelétrica de Belo Monte, que detruiu um cemitério Munduruku, roubou a água da volta grande do Xingu, expulsou e grilou terras indígenas e ribeirinhos, uma barragem turca destruiu a cidade histórica de 12 mil anos, Hasankeyf, expulsando a população curda existente na região e afogando sua memória debaixo d'água. Como o "dia do fogo" feito pelas milícias do latifúndio com anuência do Estado brasileiro, o Estado Turco e, atualmente, em conjunto com as suas milícias similares ao Estado Islâmico (DAESH) usam o fogo como arma de guerra, queimando platácões populares e os ecossistemas existentes no nordeste da Síria, contra o projeto ecológico da revolução. Como nas periferias brasileiras onde o racionamento de água é cotidiano e o controle do acesso aos rios pelos grandes empreendimentos e latifúndio em comunidades tradicionais, após a invasão turca em 2018 e 2019 tornou-se comum a limitação da água nas regiões do nordeste da Síria - Rojava -, no momento de pandemia em que ela é mais necessária do que nunca. Os próprios curdas e curdos também entendem a si como povos indígenas das montanhas.

Num país como o Brasil, cujo território possui dimensões continentais e abriga as seculares consequências de um sistema baseado na exploração da terra, na expiação de povos nativos e na escravização de povos vindos de África, as provocações de Öcalan nos fazem duvidar ainda mais deste artifício de nação forjado para o gerenciamento dos interesses capitalistas, atualizados e reafirmados ao longo de quinhentos e vinte anos. Será mesmo o Estado-Nacional o único arranjo político possível para garantir a autodeterminação dos povos que aqui vivem? Que qualidade de democracia alcançamos com um federalismo ainda tão fragilizado, refém de conglomerados capitalistas, oligarquias regionais, mandonismo de base religiosa e grupos paramilitares ligados à extrema direita? Que qualidade de autodeterminação o povo brasi-

leiro carrega neste século XXI, marcado por índices recordes de violência contra povos indígenas, negros e mulheres, além da destruição do meio ambiente e com ele, do modo de vida dos povos tradicionais como um todo?

Que ruptura com essa ordem exploratória, expiatória, racista e misógina as esquerdas revolucionárias brasileiras tem conseguido propor? Se não conseguem, a que se deve isso?

Tais questionamentos surgem com naturalidade quando os princípios do Confederalismo Democrático nos são apresentados na prática nesta luta pela autodeterminação do povo curdo. Uma autodeterminação que não só não concorre, como também se irmana à luta de armênios e palestinos e outras tantas minorias que coabitam a região; que apresenta como condicionantes para a emancipação as pautas da ecologia e da libertação das mulheres e que faz da autodefesa mais do que uma simples opção pela luta armada, mas um corpo firme cuja vitalidade se afirma no compromisso radical com a horizontalidade dos processos decisórios, que não apenas respeita a base das trabalhadoras e dos trabalhadores, mas cria condições efetivas de autogestão e autoorganização, passando ao largo dos vícios burocráticos, os quais, infelizmente tem assumido o caráter dos governos populares em outras partes do mundo.

Por outro lado, a solidariedade que faça pontes e inspire não deve sacrificar as complexidades e contradições de cada luta, em nome do didatismo. Sobretudo em meio a guerra do capital contra os povos para se salvar das suas crises econômicas, não é só a repressão aberta, com assassinatos à lideranças, bombardeios, feminicídios que se intensificam. O "veneno da cooptação" do Estado-nação também fragmenta os povos e suas lutas, abrindo o caminho para a morte. Mesmo na experiência revolucionária que existe na prática Confederalismo Democrático no nordeste da Síria e fronteiras próximas, a pressão Turca contra as organizações revolucionárias curdas fez com que o curdistão iraquiano realizasse novas ameaças de guerra contra o Confederalismo Democrático e suas instituições. A acusação que comprou da Turquia é a gramática internacional para encarcerar os movimentos populares: terrorismo. Por dentro, iniciam-se diversos questionamentos

para pôr fim ao sistema de co-presidência entre homens e mulheres nas instituições da revolução, bem como a confiança excessiva que talvez tenha sido depositada nas organizações do sistema internacional em detrimento do fortalecimento de sua autonomia coletiva no Confederalismo Democrático. Certamente, o contexto de cansaço fruto dos traumas da guerra dificultam e colaboram pra isso. Muitas das divisões e diferenças internas são compreensíveis no nível de esgotamento de recursos, esgotamento mental e social que a guerra gera. Ou seja, as divisões e diferenças não são apenas externas.

Da mesma forma, no Brasil a cooptação e fragmentação que abre caminho para a morte aparece tanto no governo de Jair Bolsonaro, mas também nos governos federais e estaduais supostamente de esquerda. Para além daquelas (es) que saíram do governo federal do Partido dos Trabalhadores (PT) em função do golpe de 2016, mas o governo não saiu deles, os governos estaduais criam divisões nas comunidades para que facilitar os grandes empreendimentos que buscam implementar. A título de exemplo, o governo do Maranhão, de Flávio Dino (PCdoB) criou uma Comissão Estadual de Combate à Violência no Campo e na Cidade (COECV) com diversas organizações da sociedade e representantes do governo, supostamente com o objetivo de diminuir violações de direitos humanos e mediar conflitos por terra. Não bastasse ter sugado para dentro de suas secretarias diversos companheiros (as) de luta, ainda usava o conselho para legitimar despejos em comunidades, alegando que teriam as ouvido antes de serem destruídas.

É a dificuldade de lidar com ex-companheiros (as) que dividiam o enfrentamento lado a lado e que passaram para os braços dos inimigos, mas também para lidar com nossos problemas e divergências internas. A contradição e a com-

plexidade estão presentes em Rojava e do Confederalismo Democrático que existe no nordeste da Síria, tal como se fazem presentes aqui. Olhar pra elas também faz parte do exercício da solidariedade, por que também existem aqui.

Mesmo com isso, sua revolução abriu a cerca para dizer a todo o mundo, e sua mensagem chegou para nós: outros mundos são possíveis e existem, hoje. Com a força dos tambores, maracás, dos cantos, da construção da autonomia no campo e na cidade, nas lutas por comida, água, terra, território, trabalho, transporte e moradia, saudamos a luta curda que cria um mundo novo em Rojava. Lutamos contra os mesmos inimigos, de diferentes fronteiras. Como o Confederalismo Democrático preconizava a união entre curdos, árabes, assírios, armênios de diferentes localidades e religiões, as revoltas do Brasil fizeram alianças preto, indígena e popular. Por isso, nossa solidariedade também deve ser aprendido! #Riseup4Rojava, contra a ocupação Turca, desde as lutas no Brasil!



[*] Munduruku é um povo indígena que o Estado brasileiro tenta colonizar e destruir ainda hoje, como muitos outros, que residem na região de fronteira entre os estados do Mato Grosso, Pará e Amazonas. A usina hidrelétrica de Belo Monte, que os ataca, foi planejada desde os anos da ditadura brasileira, mas só foi construída e posta em prática no governo Dilma Rouseff, do Partido dos Trabalhadores.

[*] Embora na presidência esteja Jair Bolsonaro, nos governos estaduais há alguns poucos ditos "governos de esquerda" que fazem oposição por dentro das instituições a ele. Mas se brigam em cima entre si, contra os (as) de baixo praticam uma série outras formas de ataques aos trabalhadores(as), às comunidades tradicionais e povos. Um deles, o governador do estado do Maranhão, Flávio Dino, do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), além de ter sugado vários militantes para o governo, desmobilizando a luta, foi condescendente ou pivô de vários ataques e conflitos junto ao latifúndio e aos grandes empreendimentos no Maranhão.



PELLIQUERIA

OFICINA DE
MUJERES
POR LA
DIGNIDAD

Y  J
P


EZLN
YA BASTA!

Y  J
P



A revolução do Vietnã e o papel da Guerra Popular

Sob a liderança do grande revolucionário Ho Chi Min e do comandante Giap, houve uma revolução no Vietnã. Pela primeira vez na era moderna, a força imperialista dos Estados Unidos foi derrotada e até hoje eles continuam traumatizados por esta grande perda. Mesmo com tantas pessoas queimadas vivas e as pessoas realmente passando por momentos muito difíceis, eles não desistiram e finalmente em 1974 eles tiveram sucesso em sua luta.

O primeiro levante ocorre em 1931 no Vietnã, mas infelizmente eles foram derrotados. No momento Ho Chi Min era secretário do Partido dos Trabalhadores do Vietnã e estava muito afetado pela revolução que está ocorrendo na China. Atualmente, na China e no Vietnã, o capitalismo está altamente desenvolvido. A maioria das pessoas passa a vida nas aldeias. Algumas cidades existiam e nas cidades o estado era forte, mas nas cidades o estado não estava muito presente. Esta situação é muito semelhante à do Curdistão antes da revolução do PKK. Os revolucionários sob a liderança de Mao Zedung querem ter sucesso com a estratégia de "guerra popular duradoura". Dizem que vão se organizar primeiro nas aldeias e na terra porque lá o Estado não

é muito forte e por outro lado as pessoas nas aldeias sentem muito mais necessidade de revolução. Os camponeses trabalham de manhã à noite e ainda têm dificuldade em ganhar a vida. Com base nisso tudo, aos poucos vão construindo a guerrilha. Na segunda fase, eles querem aumentar a guerrilha e ter todas as cidades, terras e montanhas sob seu controle. Isso basicamente significa que o estado tem apenas poder e controle sobre as cidades. Isso pode ser referido como o nível de equilíbrio. Na terceira ou última fase, os guerrilheiros vão para as cidades e com o apoio do povo expulsam o estado de lá. De acordo com este plano, as forças revolucionárias da China e do Vietnã queriam ter sucesso.

O desenvolvimento da revolução vietnamita

Para se preparar para a revolta no Vietnã, o líder do povo vietnamita Ho Chi Min visitou Giap, que era professor na época. Hi o envia junto com alguns camaradas para a China para receber educação militar. Eles voltam com 34 pessoas e algumas armas para o Vietnã. Neste ponto, o Vietnã é colonizado pela França. Mas durante a

Segunda Guerra Mundial (1939-1945) o Japão, para se aliar a Hitler, invade o Vietnã. Nesse ponto, Hitler derrota o exército francês e eles não podem mais controlar o Vietnã. Ho Chi Min vê o momento de se levantar e em 15 de agosto de 1945, eles se levantam contra as forças japonesas. O Japão na época estava se retirando de qualquer maneira porque Hitler perdeu a guerra e eles não podiam continuar lutando sozinhos. Dessa forma, a revolução no Vietnã foi um sucesso. Ho Chi Min e seus amigos libertaram suas terras e lutaram para construir seu governo e as forças de guerrilha foram transformadas em um exército clássico. Mas a França não aceita a independência do Vietnã. Depois que Hitler foi derrotado e a França se li-

O ataque da modernidade capitalista contra a revolta

Apenas três anos depois, perto dos Estados Unidos em Cuba, sob a liderança de Che Guevara e Fidel Castro, estala uma revolta e os Estados Unidos e as forças imperialistas estão muito assustados. Mas não é só no Vietnã e em Cuba que vencem as revoluções socialistas e a cada dia se espalha a ideia de liberdade e igualdade entre os oprimidos.

Depois da segunda guerra mundial, a América finalmente decidiu assumir o papel de líder do imperialismo também porque comparada ao centro da Europa onde a guerra foi pesada, não viu muitos danos. A indústria da Alemanha,

França e Grã-Bretanha e todo o seu sistema econômico foram completamente destruídos. A América, que não

aceitou a vitória do Vietnã e dos demais povos, iniciou uma ofensiva. Em muitos países, eles desenvolveram golpes militares,

assassinatos e forças secretas, mas no Vietnã eles decidiram enviar seus próprios soldados. Eles enviaram

nada menos que 600.000 soldados para destruir a revolução. Como todos

os revolucionários vietnamitas foram para o norte do Vietnã, a América sentou-se no sul. Lá, no sul

do Vietnã, eles começam a formar um exército de traficantes para lutar con-

tra seu próprio povo contra seus irmãos e irmãs. Além disso, este exército tem o

tamanho de 600.000. Contra a traição e a colaboração, o Vietnã do Norte inicia uma ofensiva e, a partir de 1961, pune forasteiros e traficantes no Vietnã do Sul. Ao mesmo tempo, com pequenos grupos de 10 pessoas, eles fazem propaganda armada. Contra o exército americano, eles cavam centenas de quilômetros de túneis e fazem muitas armadilhas (armadilhas) para eles. Como apesar de toda sua técnica e os soldados não conseguem controlar os guerrilheiros, eles começam com um massacre. Com a ajuda de aviões, eles lançam suas bombas Napalm e centenas de milhares de pessoas são queimadas vivas. Não importa se é uma mulher,



bertou do fascismo, o novo governo da França decide recolonizar os países que antes estavam sob seu controle. É por isso que eles mandam seus soldados de volta ao Vietnã. Ho Chi Min vê que com seu exército eles não podem lidar com a técnica francesa e seu exército moderno, então ele decide dismantelar seu exército novamente e voltar a ser um guerrilheiro. Ho Chi Min junto com todos os seus camaradas e todos os ministros pegam em armas e começam uma guerra de guerrilha. Por nove longos anos, uma guerra intensa foi travada entre o exército francês e as forças revolucionárias do Vietnã e com a vitória heróica de Dien Bien Phu em 1954 as forças revolucionárias do Vietcong venceram.

uma criança, um civil ou um guerrilheiro. Todos os países imperialistas estão calados, mas a juventude do mundo com grande raiva e fúria se levanta e sob a influência deste massacre podemos ver a primeira revolução da juventude.

No Curdistão, a guerra popular revolucionária e as lições da revolução vietnamita

Como podemos ver, existem muitas semelhanças entre as revoluções no Vietnã e no Curdistão, que começaram sob a liderança de Rêber APO. Não só que em ambas as lutas o Partido Obrero é a força motriz da revolução, mas também que a data de 15 de agosto em ambas as revoluções estabelece a data do levante. Mesmo assim, existem algumas diferenças importantes entre essas revoluções também. Temos que entender que a situação no Curdistão não é igual a qualquer outra situação no mundo porque o Curdistão por um lado é o centro da revolução neolítica que desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da humanidade e por outro lado também é o centro da terceira guerra mundial. É por isso que todas as forças imperialistas estão lutando no terreno no Curdistão e também pelo controle do Curdistão. E porque a nossa situação aqui no Curdistão é assim, Rêber APO com a estratégia da "guerra popular revolucionária" mostra-nos o caminho para a vitória. Serok Ocalan disse que devido às circunstâncias no Curdistão não basta apenas lutar a guerrilha, mas a guerrilha e o povo têm que se tornar um e assim seremos vitoriosos. Não há outro caminho para o Curdistão. Desta forma, as forças de autodefesa ou as forças de proteção civil desempenham um papel fundamental. Ao mesmo tempo, é de extrema importância que os jovens e as mulheres aprendam a usar armas e táticas de guerra. No Curdistão, todo mundo precisa saber como usar uma arma. O estado fascista turco e cada um de seus soldados tem que se assustar a cada passo que dão no Curdistão como Nisebine quando sua psicologia foi afetada pelo caminho de Nisebine ou como soldados americanos no Vietnã com sua psicologia que era tão ruim que muitos deles, quando voltaram para casa, acabaram com

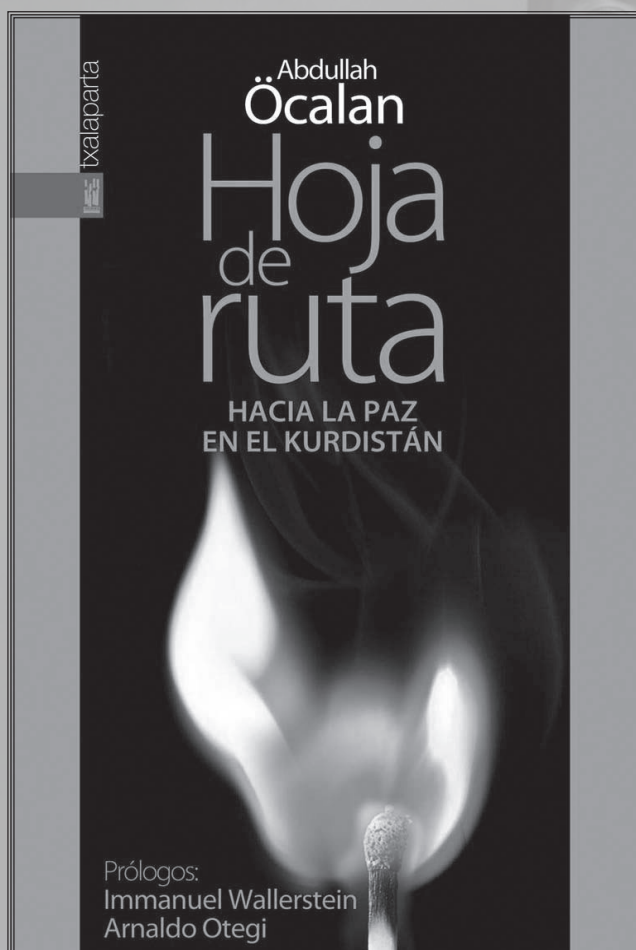
suas vidas. Cada soldado turco, cada membro de gangue tem que temer a cada segundo que atrás de cada porta, atrás de cada janela, haja um curdo esperando por eles com uma arma.

Eles têm que temer todo homem curdo. Esse é o caminho para a vitória. Portanto, não é possível que o Estado turco fascista possa permanecer no Curdistão. Se um pequeno grupo de jovens com algumas armas e um pouco de munição pode resistir contra o segundo maior exército da OTAN por mais de três meses, pense em como será se todas as pessoas pegarem em armas. A vitória é garantida. A liberdade está garantida. É por isso que todos nós, jovens, temos que entender essa estratégia da maneira certa. Precisamos conhecer muito bem a história para desempenhar com sucesso nosso papel de liderança. O povo e a Rêber APO esperam isso de nós. Não há uma razão única para que nosso humor esteja ruim ou que não devamos trabalhar. Certamente a ocupação de Efrîn, Serê Kaniyê e Girê Spî é uma grande dor e algo que nunca esqueceremos, mas o sangue de todos esses heróis caídos deve nos dar força e nos fazer trabalhar ainda mais. A revolução é um longo trabalho. Como podemos aprender com o Vietnã, só porque o inimigo ocupou uma região não significa que perdemos tudo. O fim é o que mais conta e sabemos com toda a nossa convicção que, como disse o grande comandante e símbolo da juventude Şehîd Çiyager: "Seja o que for, o fim será espetacular." Essa é a única abordagem correta e, dessa forma, devemos cumprir nosso papel para libertar Rêber APO e o Curdistão.





RECOMENDAÇÃO DE LIVRO



Hoja de ruta
Hacia la paz en el Kurdistan

Autor: Immanuel Wallerstein; Arnaldo Otegi

Publicado por: Txalaparta;

Publicación: 2013

Este documento extraordinário e histórico é a peça central e fundamental do processo de diálogo secreto entre o líder curdo Abdullah Öcalan e o Estado turco, que começou em 2009 e foi interrompido em meados de 2011. Aqui Öcalan define as medidas necessárias a serem tomadas para iniciar um processo de paz sério e sincero, enquanto delineia uma solução justa para a questão curda.

Para além das soluções tradicionais, que passam por um estado próprio ou autonomia territorial, prevê uma nação democrática e uma pátria comum para todos os estados onde o Curdistão está sediado.



LÊGERÎN

A revista Lêgerîn será publicada a cada 3 meses em nosso site www.revistalegerin.com, e pode ser baixada e impressa. Além da revista, outro conteúdo do autor e o movimento revolucionário serão publicados em nosso site!



@Revista_legerin



@revistalegerin



legerinkovar@protonmail.com



legerinLatin@riseup.net

Siga-nos nas nossas redes sociais, acompanhe as nossas atualizações! Temos também um canal e um grupo no telegrama para divulgação e discussão dos textos e seus temas.

Sinta-se à vontade para nos contactar através dos nossos emails, teremos o maior prazer em esclarecer quaisquer dúvidas que possa ter. De desentendimentos sobre os textos e pedidos de materiais, a questionamentos sobre o próprio movimento.

Serkeftin!

